



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

**PERSPECTIVAS DE DUAS PROFESSORAS SOBRE O ENSINO  
DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO  
CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA DR. JOSÉ ZÓCCOLI  
DE ANDRADE, DE ITUIUTABA-MG**

Uberlândia, outubro de 2024.

FERNANDA OLIVEIRA COSTA

**PERSPECTIVAS DE DUAS PROFESSORAS SOBRE O ENSINO  
DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO  
CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA DR. JOSÉ ZÓCCOLI  
DE ANDRADE, DE ITUIUTABA-MG**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, do Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Linha 2 – Práticas, processos e reflexões em pedagogias da música

Orientador: Prof. Dr. José Soares de Deus

Uberlândia, outubro de 2024.

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da  
UFU com dados informados pelo (a) próprio (a) autor (a).

C837	Costa, Fernanda Oliveira, 1983-
2024	Perspectivas de duas professoras sobre o ensino de piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade de Ituiutaba - MG [recurso eletrônico] / Fernanda Oliveira Costa. - 2024.
<p>Orientador: José Soares de Deus. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Música. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.720">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.720</a> Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p>	
<p>1. Música. I. Deus, José Soares de ,1970-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Música. III. Título.</p>	
CDU: 78	

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Música**  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V, Sala 5 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4522 - www.ppgmu.iarte.ufu.br - ppgmus@ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Música			
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, PPGMU			
Data:	11 de outubro de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento: 16:00
Matrícula do Discente:	12222MUS001			
Nome do Discente:	Fernanda Oliveira Costa			
Título do Trabalho:	Perspectivas de duas professoras sobre o ensino de piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade de Ituiutaba-MG			
Área de concentração:	Música			
Linha de pesquisa:	Práticas, processos e reflexões em pedagogias da música.			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A formação inicial e continuada do professor de música para a atuação em diversos contextos educacionais			

Reuniu-se via webconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Música, assim composta: Professores Doutores: Regina Finck Schambeck (UDESC); Cíntia Thais Morato (IARTE); José Soares de Deus (IARTE), orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). José Soares de Deus, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Soares de Deus, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/10/2024, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

18/12/2024, 21:07

SEI/UFU - 5823875 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



Documento assinado eletronicamente por **Cintia Thais Morato, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/10/2024, às 17:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Regina Finck Schambeck, Usuário Externo**, em 25/10/2024, às 20:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site  
[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5823875** e o código CRC **1A67C40B**.

Referência: Processo nº 23117.069151/2024-56

SEI nº 5823875

Dedico este trabalho aos meus pais,  
aos meus filhos e a todos que, com  
dedicação, contribuíram para a  
minha conquista acadêmica, assim  
como para o meu crescimento  
pessoal e profissional.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois os sonhos dele são maiores que os meus, “porque para Deus não há nada impossível.” Lucas 1.37.

Imensa gratidão aos meus pais, cuja dedicação, amor e apoio incondicional foram fundamentais em minha jornada.

Ao meu companheiro, Átila, por ter sido meu suporte afetivo e por cuidar dos nossos filhos na minha ausência durante toda a jornada de realização do curso de Mestrado.

Aos meus filhos, Maria Fernanda e Miguel, pela inspiração e motivação constantes, que tornam cada desafio mais significativo.

Ao José Soares, meu querido orientador, agradeço imensamente pela confiança em mim depositada ao me aceitar como orientanda. Sou agradecida por ter me incentivado a pesquisar e escrever (diversas vezes, pois achei que não daria conta), mas você, com seu jeito humano, cuidadoso e zeloso, me orientou e me instruiu em cada detalhe que envolve a construção de uma dissertação. O último agradecimento a você é pela compreensão nos momentos difíceis que vivenciei na trajetória, sempre gentil e atencioso. Gratidão para sempre.

Agradeço às componentes da banca, professoras Cíntia Morato e Regina Finck, por aceitarem, desde a qualificação, contribuir comigo neste estudo, com sugestões, reflexões e conhecimentos compartilhados. Muito obrigada!

Agradeço a todos os professores do PPGMUS da UFU, com os quais tive a oportunidade de refletir e discutir ideias sobre a pesquisa em música nos nossos encontros semanais.

Agradeço à equipe gestora do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba- MG pela atenção e colaboração. Essa instituição faz parte da minha formação pessoal e profissional. Gratidão eterna.

Agradeço às duas professoras de piano que confiaram a mim as suas histórias pessoais e profissionais. Elas foram extremamente atenciosas e parceiras, importantíssimas na construção desta investigação. Gratidão!

Agradeço à professora Lilia Neves pelas orientações no meu primeiro contato com ela sobre o PPGMUS da UFU. Sempre atenciosa, ética e profissional em todos os momentos. Gratidão pelo incentivo e por confiar em mim.

À minha colega do curso de mestrado Luciene, agradeço pelos momentos de trocas quanto ao trabalho, pelas risadas, desabafos e, principalmente, apoio nos momentos de desânimo. Foi um prazer te conhecer e dividir esse sonho contigo.

Agradeço à PPGMUS da UFU por ter me proporcionado pesquisar a educação musical especial, uma área que tem feito parte da minha vida profissional e que me encanta. Foram momentos de reflexões e discussões sobre a importância do acesso à educação musical para todos.

Minha gratidão a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o meu percurso formativo. Esta realização é fruto do esforço coletivo e do carinho daqueles que me acompanham e incentivam a buscar sempre mais.

Finalizo com este pensamento: “Tudo o que dá certo é normal. O estranho é a luta que se é obrigado a travar para obter o que simplesmente seria normal”. Clarice Lispector

## **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo compreender como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do curso de Educação Musical-Piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música, de Ituiutaba-MG. O referencial teórico é construído a partir da concepção de "saberes docentes" dos professores (Tardif, 2014) e dos estudos acerca do professor reflexivo e do uso de adaptações curriculares como estratégias de ensino (Alarcão, 2011; Heredero, 2010). O método de pesquisa utilizado é o estudo de caso único (Yin, 2015) e a coleta de dados consiste na realização de entrevistas semiestruturadas com duas professoras de piano. Os resultados demonstram que as professoras constroem estratégias de ensino e adaptações pedagógicas musicais com base nos saberes adquiridos na formação profissional e nas vivências pessoais. Os resultados ainda indicam que as práticas pedagógico-musicais das professoras de piano se configuram a partir das particularidades e capacidades musicais de cada pessoa com deficiência.

**Palavras-chave:** Pessoas com deficiência; Ensino de piano; Práticas pedagógico-musicais; Conservatório Estadual de Música.

## **ABSTRACT**

This study aims to understand how the pedagogical-musical practices of two teachers of the Musical Education–Piano course for people with disabilities are configured at the State Conservatory of Music of Ituiutaba-MG. The theoretical framework is built from the conception of teachers' "teaching knowledge" (Tardif, 2014) and studies on the reflective teacher and the use of curricular adaptations as teaching strategies (Alarcão, 2011; Heredero, 2010). The research method used is the single case study (Yin, 2015) and data collection consists of semi-structured interviews with two piano teachers. The results demonstrate that teachers construct teaching strategies and musical pedagogical adaptations based on the knowledge acquired in professional training and personal experiences. The results also indicate that the musical-pedagogical practices of piano teachers are shaped based on the particularities and musical capabilities of each person with a disability.

**Keywords:** People with disabilities; Piano teaching; Musical-pedagogical practices; State Conservatory of Music.

## **LISTA DE FIGURA**

Figura 1 - Partitura da peça 3 “Sons e ruídos” - Ludus Brasilienses v.1.....76

## **LISTA DE SIGLAS**

ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical

ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEM – Conservatório Estadual de Música

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

# Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	12
1.1 JUSTIFICATIVA.....	16
1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	17
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	19
2.1 A PRÁTICA DOCENTE DOS PROFESSORES DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	19
2.2 AS ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICO-MUSICAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA .....	22
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	26
3.1 SABERES DOCENTES E DOCÊNCIA REFLEXIVA .....	26
3.2 A DOCÊNCIA REFLEXIVA.....	28
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	30
4.1 PESQUISA QUALITATIVA .....	30
4.2 O MÉTODO DO ESTUDO DE CASO .....	31
4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	32
4.3.1 Documento .....	32
4.3.2 Entrevista semiestruturada .....	33
4.3.2.1 Participantes da pesquisa.....	33
4.3.2.2 A construção do roteiro de entrevista .....	34
4.3.2.3 Realizando entrevistas com duas professoras do Curso de Educação Musical - piano.....	34
4.4 QUESTÕES ÉTICAS .....	35
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	36
<b>5 O PLANEJAMENTO ANUAL DO CURSO DE PIANO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA “DR. JOSÉ ZÓCCOLI DE ANDRADE” DE ITUIUTABA - MINAS GERAIS .....</b>	39
<b>6 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS DAS PROFESSORAS ALICE E VALÉRIA .....</b>	44
6.1 A FORMAÇÃO PEDAGÓGICO-MUSICAL AO PIANO .....	44
6.2 A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA .....	55
6.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS DAS PROFESSORAS DE PIANO .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	86

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	93
<b>APÊNDICES .....</b>	98

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu no decorrer dos meus anos ministrando aulas de piano, desde o ano de 2002, no Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, em Ituiutaba-MG. Nesse período, a presença de estudantes com deficiência, em busca de aprender a tocar um instrumento musical, se tornou realidade na minha sala de aula. No ano de 2015, tive a oportunidade de ministrar a minha primeira aula de piano para uma adolescente com deficiências intelectual e visual. Essa experiência foi desafiadora pela inexistência de apoio pedagógico e de capacitação profissional voltada para ministrar aulas de instrumento destinadas a esse público. Diante disso, senti a necessidade de buscar conhecimentos para compreender as particularidades e os recursos específicos que valorizem as habilidades e as potencialidades, expandindo, assim, a minha perspectiva sobre o ensino e aprendizado do instrumento musical para pessoas com deficiência.

No mesmo ano, surgiu a oportunidade de participar de uma especialização em Educação Especial e Inclusão Educacional, que foi oferecida pela Universidade Federal de Uberlândia – Campus do Pontal, em Ituiutaba-MG. Nesse curso, obtive os primeiros conhecimentos sobre as deficiências. Na elaboração de um pré-projeto, como trabalho final de curso, cujo título foi “Ensino de música para pessoas com deficiência: limites e possibilidades do trabalho pedagógico dos professores de instrumento musical” (Costa, 2016), revisei uma literatura sobre o assunto para fundamentar minhas reflexões. A revisão revelou dificuldades encontradas por professores de música no processo de ensino-aprendizagem do instrumento musical para pessoas com deficiência. Tais dificuldades envolviam desde a falta de capacitação profissional até a carência de recursos pedagógico-musicais. A revisão demonstrou ainda que alguns pesquisadores compartilhavam conhecimentos e experiências no ensino do instrumento musical para pessoas com deficiência, proporcionando uma análise e reflexão das particularidades na perspectiva da educação musical especial e inclusiva.

A partir da elaboração deste projeto na especialização, despertou em mim o interesse em dar continuidade ao estudo nessa área do conhecimento. É importante destacar que a inclusão de pessoas com deficiência nas instituições educacionais é um direito garantido pela Constituição Brasileira (Brasil, 1988), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996) e pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – PNEEPEI (Brasil, 2008).

Além da Constituição, da LDBEN e da PNEEPEI, outras leis foram aprovadas para fortalecer a luta pelos direitos das pessoas com deficiência, como, por exemplo: Lei Berenice Piana nº 12.764/2012 - “Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” (Brasil, 2012) e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015 – “Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto Da Pessoa Com Deficiência) (Brasil, 2015). As escolas de Educação Básica foram, então, obrigadas, por exigências legais, a rever seus espaços como forma de acolher a todos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, emocionais e outras deficiências, visando à interação e ao apreço às diferenças.

O processo de possibilitar igualdade de oportunidades na aprendizagem do instrumento musical também teve início no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba – MG. Conforme a Resolução nº 718/2005, que trata da organização e do funcionamento do ensino de música nos conservatórios mineiros, o artigo 27 da mesma ressalta que os conservatórios devem realizar “[...] a matrícula dos alunos a cada período letivo, sendo vedada a discriminação em função de etnia, sexo, condição social, convicção política, crença religiosa ou necessidades educacionais especiais” (Minas Gerais, 2005). Portanto, o Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG faz parte de uma rede estadual de conservatórios mineiros<sup>1</sup> e, como as outras

---

<sup>1</sup> No estado de Minas Gerais existem doze (12) Conservatórios Estaduais de Música, a saber: CEM Cora Pavan Capparelli em Uberlândia-MG; CEM Haidée França Americano em Juiz de Fora-MG; CEM José Zóccoli de Andrade em Ituiutaba-MG; CEM Juscelino Kubitschek de Oliveira em Pouso Alegre-MG; CEM Lia Salgado em Leopoldina-MG; CEM Lobo de Mesquita em Diamantina-MG; CEM Lorenzo Fernández em Montes Claros-MG; CEM Maestro Marcílio Braga em Varginha-MG; CEM Padre José Maria Xavier em São João Del Rei-MG; CEM Raul Belém em Araguari-MG; CEM Renato Frateschi em Uberaba-MG; CEM Theodolindo José Soares em Visconde do Rio Branco-MG.

instituições, têm recebido uma demanda crescente de pessoas com deficiência que buscam aprender um instrumento musical (Santos; Carvalho; Lobato, 2020).

Nesta pesquisa, abordo o ensino de piano oferecido para pessoas com deficiências no curso de Piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba – MG, que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico elaborado em 2024 (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zócolli de Andrade, 2024), é estruturado em dois níveis: 1. Curso de Educação Musical, que é dividido em três ciclos de aprendizagem: A. Inicial – 2º e 3º anos – estudantes de 7 a 8 anos de idade); B. intermediário - 1º, 2º e 3º anos – estudantes de 9, 10 e 11 anos de idade; e C. complementar – 1º, 2º e 3º anos – estudantes de 12, 13 e 14 anos de idade). As pessoas que se matriculam acima dos 10 anos de idade já iniciam no 2º ano preparatório do ciclo intermediário e não realizam o ciclo inicial; 2. Curso de Formação Profissional - Curso Técnico em Instrumento – Piano, que é destinado a alunos matriculados ou egressos do Ensino Médio, em conformidade com a legislação vigente. O foco deste estudo é voltado para o Curso de Educação Musical, que abrange os três ciclos de aprendizagem.

O planejamento anual do Curso de Piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG é um documento que reflete as concepções pedagógicas e musicais, e serve como mediador entre o professor e o estudante. No entanto, não traz nenhuma abordagem específica para o ensino de piano para pessoas com deficiência na instituição. Dessa maneira, diante da inexistência de orientações pedagógicas no planejamento anual do Curso de Piano - Educação Musical para o ensino dos estudantes com deficiência, é possível inferir que professores de piano do Curso de Educação Musical necessitam construir suas próprias estratégias de ensino e adaptações pedagógico-musicais para as aulas com pessoas com deficiência.

Estudos na área da educação musical especial têm abordado adaptações pedagógico-musicais para pessoas com deficiência (Ferreira, 2019; Tudissaki, 2014; Louro, 2003). Tais estudos enfatizam a necessidade de adaptar e refletir sobre o material didático e o processo de ensino para pessoas com deficiências, especialmente no contexto do aprendizado do instrumento

musical. No entanto, é essencial discutir e desenvolver práticas específicas ao ensino de piano para esse público, as quais devem ser adequadas e coerentes com as necessidades específicas destes.

Embora alguns estudos tenham propiciado uma visão sobre a prática de ensino de professores de piano para pessoas com deficiência (e.g. Augusto, 2020; Langendonck, 2019) e autismo (Neves; Parizzi, 2022), além de desafios enfrentados por professores de piano para pessoas com deficiência nos conservatórios estaduais de Minas (Neves, 2019), nenhum estudo foi encontrado que trate das práticas pedagógico-musicais desenvolvidas por professores de piano para pessoas com deficiências no contexto desses conservatórios. Diante desse contexto de ensino musical especial, Neves (2019) ressalta que “a prática da docência do piano para públicos diversificados é uma realidade incontestável e, tornou-se necessário que professores se capacitem para estarem preparados para lidar com a diversidade de situações de ensino/aprendizagem atuais” (p.197).

Atualmente, o corpo docente do Curso de Educação Musical – Piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG é formado por 21 (vinte e um) professores, sendo 20 mulheres e 01 homem. Em conversas com colegas do curso de piano, todos já ministraram aulas para pessoas com deficiência. Nas falas dos professores, percebi os desafios enfrentados por eles ao ensinar o instrumento musical piano para esse público, tendo em vista a falta de orientações metodológicas e recursos didáticos específicos para os alunos com deficiência oferecidos pelo Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

Considerando o tamanho do corpo docente de professores de piano para esta pesquisa, foram estabelecidos três critérios de participação: (1) atuar no curso há, pelo menos, 10 anos; (2) ter ministrado aulas para alunos com deficiência durante cinco anos consecutivos; (3) aceitar colaborar de forma voluntária com a pesquisa. Duas professoras de piano atenderam a tais critérios e aceitaram colaborar com a investigação.

Então, tendo em vista a inexistência de orientações pedagógicas para o ensino de piano no nível Educação Musical para pessoas com deficiência pelo Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG e a necessidade das

professoras de piano participantes da pesquisa de construir suas próprias práticas pedagógico-musicais de ensino para pessoas com deficiência, esta investigação propõe responder à seguinte pergunta de pesquisa: como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do Curso de Piano - Educação Musical para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG?

O objetivo geral da investigação é compreender como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do curso de Educação Musical-Piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

Para atingir o objetivo geral, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer a formação pedagógico-musical das professoras;
- Entender os desafios enfrentados pelas professoras no ensino de piano para pessoas com deficiência;
- Identificar os recursos e materiais didáticos utilizados pelas professoras;
- Analisar as práticas pedagógico-musicais das professoras de piano.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A realização desta pesquisa se justifica por várias razões. O aprofundamento de estudos sobre as práticas pedagógico-musicais adotadas por professores de piano no ensino para pessoas com deficiência nos conservatórios mineiros pode contribuir para o desenvolvimento de ações docentes inovadoras e estratégias de ensino acessíveis e inclusivas. Além disso, investigar sobre as práticas pedagógico-musicais pode oferecer uma maior compreensão das diferentes maneiras de ensinar o instrumento para pessoas com deficiência. Nesse sentido, Neves (2019) “considera de grande importância investigar e problematizar as práticas pedagógicas dos professores, assim como entender como os saberes são e foram adquiridos por esses profissionais em suas trajetórias de vida” (p.188).

Outra razão importante para a realização desta pesquisa é a escassez de trabalhos que abordam práticas pedagógico-musicais no ensino de piano para pessoas com deficiência no contexto dos conservatórios mineiros de

música. Logo, esta pesquisa, ao buscar ampliar a literatura sobre o assunto, pode contribuir para um melhor entendimento acerca do pensamento dos professores de piano desses contextos educacionais de ensino de música a respeito das práticas pedagógico-musicais de pessoas com deficiência. Além disso, abordar essas práticas pedagógico-musicais em um conservatório público de música é relevante devido à importância da instituição no cenário do ensino de piano de Minas Gerais.

Portanto, lançar luz sobre o curso de piano - educação musical do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG oferece oportunidades de discussões sobre as possibilidades do ensino de piano para pessoas com deficiência. Demonstra-se, ainda, a partir de reflexões sobre a prática pedagógico-musical das duas professoras participantes, a relevância desse ensino para o contexto da Educação Musical Especial.

## 1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está dividida em seis partes. Na primeira parte é feita uma contextualização do tema, assim como a delinearção da problemática de pesquisa, a apresentação da pergunta de pesquisa, os objetivos do estudo e a justificativa.

A segunda parte contempla a revisão de literatura realizada com os temas que dialogam com o presente estudo, observando as principais discussões já realizadas, as lacunas existentes e como a atual pesquisa pode contribuir para a área.

Na terceira parte é apresentado o referencial teórico, fundamentado nos estudos de Tardif (2014) sobre a concepção de "saberes docentes" dos professores, e nos estudos de Alarcão (2011) e Heredero (2010) acerca do professor reflexivo e uso de adaptações curriculares como estratégias de ensino.

Na quarta parte são apresentados os procedimentos metodológicos adotados no estudo, a saber: a abordagem e o método de pesquisa, o instrumento de coleta de dados (entrevista), a análise dos dados e os cuidados éticos considerados para o desenvolvimento da pesquisa.

Na quinta parte é realizada a análise do planejamento anual do curso de piano utilizado como suporte para o desenvolvimento do ensino do instrumento no Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, de Ituiutaba - Minas Gerais.

A sexta parte é voltada para a apresentação da análise das entrevistas com as duas professoras de piano, refletindo, com o suporte do referencial teórico e da literatura, a formação pedagógico-musical ao piano, a experiência docente com pessoas com deficiência e as práticas pedagógico-musicais do ensino de piano construídas com pessoas com deficiência.

A sétima e última parte faz uma recapitulação dos principais pontos discutidos em toda a pesquisa e traz as considerações finais do trabalho. Por fim, são sugeridos alguns possíveis caminhos para pesquisas futuras com base nos resultados obtidos neste estudo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa tem o propósito de compreender como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras de piano do Curso de Piano - Educação Musical do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG com pessoas com deficiência. Dessa forma, torna-se importante revisar a literatura que trata de duas temáticas, sendo estas: a prática docente dos professores de piano para alunos com deficiência e as adaptações pedagógico-musicais para pessoas com deficiência.

Para esta revisão foram realizadas buscas no Portal de Periódicos da CAPES, Catálogo de Teses e Dissertações, revistas especializadas da área e anais de eventos da área de educação musical. O levantamento da produção abarcou o período 2003-2024 e foram localizados trabalhos que dialogam diretamente com as temáticas aqui revisadas em função do objeto da pesquisa.

### 2.1 A PRÁTICA DOCENTE DOS PROFESSORES DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ao longo das últimas décadas, investigações sobre a prática docente dos professores de piano para alunos com deficiência têm identificado estratégias e ações pedagógicas voltadas para esse público. Sobre essa temática, Augusto (2020) e Langendonck (2019) estudaram as próprias práticas pedagógicas musicais e estratégias de ensino de piano para pessoas com deficiência. Para as autoras, o ensino de piano destinado a esse público apresenta desafios únicos, contudo, também apresenta oportunidades excepcionais para desenvolver abordagens inovadoras, incluindo as adaptações pedagógico-musicais. Assim, não se limitam a materiais didáticos, pois abrangem estratégias de ensino, recursos visuais, manuseio do instrumento, interação e comunicação.

Na investigação de Augusto (2020), a autora realizou um estudo reflexivo sobre a própria experiência como professora de piano de um aluno com Hemiplegia Espástica (paralisia cerebral que afeta a coordenação e o controle motor do lado esquerdo do corpo desse aluno). A autora conduziu um estudo de caso para compreender a trajetória de seu estudante em um dado período, considerando as estratégias pedagógicas adotadas, as adaptações feitas no ambiente de aprendizagem e as interações entre a professora-pesquisadora e o estudante.

A professora-pesquisadora utilizou uma abordagem reflexiva para compreender suas próprias ações. Após uma autorreflexão analítica dos efeitos de sua conduta profissional no processo de aprendizagem musical do seu estudante, os resultados revelaram a importância da inclusão de pessoas com deficiência no contexto educacional musical, as metas alcançadas pela professora-pesquisadora na adaptação do ensino de piano e os impactos da prática pedagógica inclusiva no desenvolvimento musical do aluno com hemiplegia espástica.

No estudo de Langendonck (2019), ela buscou construir um ensino de piano de acordo com as necessidades individuais de seu aluno com transtorno do espectro do autismo. A autora identificou como estratégia didática a valorização do uso de técnicas visuais, como o uso de cores e símbolos, para auxiliar na compreensão e memorização das notas musicais. Segundo a autora, o resultado da pesquisa foi satisfatório, indicando uma eficácia significativa no ensino musical, com aproveitamento na construção da aprendizagem superior a 75%. Para ela, o estudante com transtorno do espectro do autismo deve ser protagonista de sua jornada musical e encorajado a expressar suas preferências e interesses musicais por meio da adaptação do repertório e dos métodos de ensino, de acordo com suas especificidades e particularidades.

Sendo assim, Augusto (2020, p.17) ressalta a importância de adotar uma nova abordagem no ensino do instrumento piano, considerando-o não apenas um instrumento tradicional, mas também um meio de inclusão social e musical para alunos com deficiência. Nesse sentido, é preciso que haja uma mudança de paradigma, em que se valorize não só a técnica e a performance,

mas também a acessibilidade e a adaptação dos métodos de ensino para atender às necessidades específicas de cada estudante. Cada pessoa com deficiência possui habilidades e desafios únicos, e, portanto, o ensino de piano deve ser personalizado e flexível para se adequar às necessidades específicas de cada um.

Os resultados das investigações realizadas por Langendonck (2019) e Augusto (2020) demonstram uma maior conscientização sobre a educação musical especial. Logo, as professoras-pesquisadoras estão cada vez mais comprometidas em oferecer oportunidades igualitárias e experiências inclusivas enriquecedoras no aprendizado de piano para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades físicas, cognitivas ou sensoriais.

Nessa temática, Neves e Parizzi (2022) realizaram um levantamento bibliográfico intitulado o “Ensino do Piano e o Transtorno do Espectro do Autismo, o que dizem as pesquisas?”. As autoras consultaram as seguintes bases de dados: Periódicos da CAPES, ResearchGate e Scopus. O resultado do levantamento evidenciou que o piano pode ser um instrumento visualmente interessante para pessoas autistas, especialmente pela organização visual e sonora das teclas. Quanto às abordagens e estratégias pedagógicas ao ensino de piano para indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo, a literatura indica que não há uma “receita pronta”.

No levantamento realizado pelas autoras, é ressaltado que, no caso de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, mesmo que dois estudantes possam ser classificados no mesmo nível dentro do espectro autista, suas características pessoais serão distintas. Portanto, cada estudante possui um perfil único, com diferentes formas de perceber, processar e reagir aos estímulos e à aprendizagem. Por isso, o professor de piano precisa adotar uma abordagem sensível e personalizada, com um olhar atento para as necessidades individuais de cada um, adaptando suas estratégias pedagógicas para garantir que todos possam desenvolver e aprender.

Na investigação sobre o ensino de piano nos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais, Neves (2019) destaca, a partir da análise dos planos de ensino, que “os professores parecem ter autonomia para a escolha dos métodos a serem utilizados durante as aulas, pois são apontados apenas

os conteúdos a serem abordados durante o ano" (p. 64). Desse modo, essa autonomia pedagógica é fundamental para que os professores adaptem as suas práticas ao perfil dos alunos, às condições de ensino e aos objetivos educacionais. No entanto, essa liberdade também implica responsabilidade, já que os professores precisam garantir que os conteúdos sejam ensinados de forma efetiva, promovendo o aprendizado musical e o desenvolvimento dos estudantes.

Mesmo ainda com poucas pesquisas encontradas sobre a prática docente dos professores de piano para pessoas com deficiência, os estudos revisados apresentam estratégias de ensino para pessoas com deficiência, vivenciadas e experimentadas por alguns docentes, que podem contribuir com a análise e reflexão desta pesquisa. Por isso, esta investigação visa ampliar os estudos sobre a educação musical especial, gerando discussões e reflexões acerca das práticas pedagógico-musicais individuais de duas professoras no ensino de piano para pessoas com deficiência.

## 2.2 AS ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICO-MUSICais PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência apresenta desafios únicos, mas também oportunidades excepcionais para o desenvolvimento de abordagens inovadoras pelos professores. As adaptações pedagógico-musicais são recursos essenciais ao ensino de instrumentos musicais para pessoas com deficiências. Tais adaptações não se limitam aos materiais didáticos, elas abrangem as estratégias de ensino, o manuseio do instrumento, a interação, a comunicação, o ambiente e, até mesmo, a rotina e os hábitos. Essas adaptações são feitas de forma personalizada para atender às necessidades específicas de cada tipo de deficiência.

Reconhecer que cada estudante possui um potencial musical único, promover adaptações pedagógico-musicais e criar um ambiente acolhedor e adaptado possibilitam uma aprendizagem musical, social e intelectual tão enriquecedora quanto a de uma criança neurotípica. Nesse sentido, Louro

(2003) destaca a ausência de metodologias na prática musical que conteemple a gama das deficiências e as possibilidades de criar adaptações:

[...] como há inúmeras deficiências físicas, cada qual com seu comprometimento motor, uma hipótese para essa escassez de portadores de deficiências físicas na prática musical é a ausência no País de uma metodologia eficaz que ampare toda essa gama de deficiências. De qualquer forma, é possível criar inúmeras adaptações para facilitar ou viabilizar a execução instrumental dos que apresentam necessidades especiais, embora sejam, na maioria das vezes, elaboradas para cada caso. (Louro, 2003, p.76-77).

Desde então, as metodologias e as adaptações para o ensino de pessoas com deficiência estão sendo estudadas e elaboradas. Louro (2015) ressalta que “[...] o que importa é caminhar e, mesmo que lentamente, ampliar as ações em busca de tornar o fazer musical mais acessível a todos” (p.38). Assim, as adaptações são um meio acessível à performance instrumental para pessoas com deficiência. Elas não ajudam somente a superar barreiras físicas, mas também permitem que cada aluno explore sua expressão musical única, independentemente de suas limitações.

Conforme Tudissakit (2014), o educador musical tem que estar atento às limitações do aluno com deficiência e buscar ferramentas pedagógicas, até mesmo adaptações, para atender e contemplar as necessidades do seu aluno, facilitando o seu aprendizado. Essa autora destaca a importância da sensibilidade ao reconhecer e respeitar as limitações individuais de cada aluno, e da adaptação pedagógica por parte do professor ao lidar com alunos com deficiência.

Nesse sentido, destaca-se o trabalho de Augusto (2020, p. 48), que exemplifica tal medida com adaptações de partituras (entre outros materiais). Tais adaptações, de acordo com a autora, demonstraram ser benéficas à perspectiva de inclusão como uma medida que traz outros olhares, tendo em vista que podem ser utilizadas em outros contextos, podendo favorecer estudantes que desejem aprender a tocar piano, um instrumento inclusivo de todos.

A educação musical especial está inserida dentro dessa perspectiva de ensino, pois busca adaptações e novos meios de ensino de música para as

pessoas com deficiência (Ferreira, 2019, p.51). Diante disso, o ambiente de ensino musical se torna inclusivo, onde todos os estudantes têm a oportunidade de aprender e desenvolver suas habilidades musicais, independentemente de suas limitações físicas ou cognitivas.

Em seu estudo, Quinelato (2022) sugeriu adaptações do método denominado de “O Passo”, de Lucas Ciavatta, para pessoas com transtorno do espectro autista no processo de ensino-aprendizagem no contexto da educação musical inclusiva. Conforme as necessidades específicas de tal público, o autor ressalta:

Adaptar as abordagens de ensino e aprendizagem para que correspondam às especificidades de aprendizagem das pessoas com TEA é uma tarefa que exige um aprofundamento das abordagens do método, bem como das necessidades específicas que o aluno com deficiência demanda, e sobretudo, um exame do contexto escolar e das ferramentas que estão à disposição para realizar essa adaptação (Quinelato, 2022, p.14).

A importância das adaptações no processo de ensino não se limita apenas à adaptação do método, mas inclui todos os elementos do ambiente educacional que influenciam o aprendizado da pessoa com deficiência. Para Oliveira (2020), “as adaptações podem ser de diversos tipos, como atitudinais, físicas ou curriculares” (p. 114). Sendo assim, essas adaptações são essenciais para garantir a inclusão e a equidade no ambiente educacional, permitindo que todos os estudantes, independentemente de suas características individuais, possam participar plenamente do processo de aprendizagem.

Portanto, compreender as práticas pedagógico-musicais das professoras de piano para pessoas com deficiência do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG significa elucidar a realidade educativa nesse contexto. Possibilita, ainda, a criação de um espaço de diálogo e reflexão acerca das adaptações e estratégias necessárias para promover um ensino acessível e inclusivo.

Ao analisar essas práticas, torna-se possível identificar métodos que atendam às necessidades de todos os estudantes, considerando as suas

particularidades e garantindo que o ensino de piano seja inclusivo e enriquecedor para todos. Isso não apenas valoriza a diversidade no ambiente educacional do Conservatório, mas também fortalece a formação musical ao integrar e respeitar os processos de aprendizado de cada estudante e suas diferentes capacidades.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo principal deste estudo é compreender como se configuram as práticas pedagógico-musicais de professores do curso de Educação Musical – Piano para alunos com deficiência do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. Para alcançar esse objetivo, foi importante estabelecer uma base teórica que fundamentasse a pesquisa. Nesse sentido, este trabalho se apoiou na concepção de "saberes docentes" dos professores, conforme proposta por Tardif (2014). A mobilização desses saberes docentes se refletiu no contexto específico do ensino de piano para pessoas com deficiência. Além disso, outros autores como Heredero (2010) e Alarcão (2011) são mencionados no estudo por discutirem o papel do professor reflexivo e o uso de adaptações curriculares como estratégias de ensino.

Dito isso, esta parte do trabalho apresenta uma compreensão mais teórico-conceitual da docência em geral para que sejam reconhecidos traços singulares da docência de piano para pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, a discussão teórico-conceitual ajuda a situar este estudo como útil para o debate das práticas pedagógico-musicais dos professores de piano e dos desafios que se põem à licenciatura, considerando a formação de professores de piano.

#### 3.1 SABERES DOCENTES E DOCÊNCIA REFLEXIVA

A noção de saberes docentes foi desenvolvida por Tardif (2014), numa abordagem ampla e abrangente que propõe uma reflexão profunda sobre conhecimentos e habilidades necessárias ao exercício da docência. Para o autor, o saber docente se define como “saber plural”, porque se forma “pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (*Ibidem*, 2014, p. 36). Assim, os saberes comportam sentidos como aptidões, atitudes, conhecimentos, competências e habilidades, dentre outros; tudo isso estaria naquilo que alguém sabe, na capacidade de aplicar o que sabe na prática e na atitude profissional.

Tardif (2014) enfatiza a importância de se relacionar esses saberes com as suas origens e o contexto do trabalho, incluindo fatores como a identidade pessoal, experiências individuais, histórico profissional, relacionamentos com os alunos e outros membros da escola. Além disso, o saber dos professores advém de fontes variadas, incluindo a formação inicial e contínua, os currículos, a vivência na escola, o conhecimento da disciplina ministrada, as demandas da profissão, a cultura em que estão inseridos e as interações sociais.

Com efeito, o autor ressalta que o trabalho do docente se concentra em compreender não apenas o conhecimento disciplinar (o conteúdo da matéria), mas também os aspectos pedagógicos e práticos que necessitam dominar para serem eficazes em sala de aula. Ele argumenta que os professores possuem um conjunto de saberes que vão além do simples conhecimento da matéria que ensinam. Mais que isso,

o conteúdo ensinado em sala de aula nunca é transmitido simplesmente tal e qual: ele é “interatuado”, transformado, ou seja, encenado para um público, adaptado, selecionado em função da compreensão do grupo de alunos e dos indivíduos que o compõem (Ibidem, 2014, p. 120).

Dessa forma, esses saberes incluem, por exemplo, a capacidade de adaptar o conteúdo para diferentes públicos, compreender as dificuldades de aprendizagem dos alunos, criar estratégias de ensino eficazes e avaliar o progresso dos estudantes.

Diante disso, refletindo sobre o trabalho do professor de piano com pessoas com deficiência, tal compreensão dos saberes converge para a atividade prática docente: a didática, os métodos, as técnicas e as ferramentas usadas na sala de aula para conduzir o processo de ensino-aprendizagem do instrumento musical. Ao mesmo tempo, é preciso estabelecer conexão com saberes pedagógicos e saberes práticos, derivados das vivências e da experiência, para estratégias de ensino nas aulas de piano para alunos com deficiência. Nesse caso último, pode-se entender que, no processo de ensino de piano para pessoas com deficiência, em geral, o educador se envolve em um processo contínuo de reflexão sobre a sua prática pedagógico-musical. Isso

abrange a sua ação criteriosa nas estratégias de ensino, na interação com o aluno, na escolha dos métodos de ensino e de avaliação.

### 3.2 A DOCÊNCIA REFLEXIVA

O pensamento reflexivo do professor parte da ideia de que o ser humano é inherentemente um indivíduo pensante, capaz de refletir, criar e inovar, e não apenas alguém que reproduz ideias externas. Então, “se a capacidade reflexiva é inata no ser humano, ela necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento, contextos de liberdade e responsabilidade” (Alarcão, 2007, p. 45).

O processo reflexivo docente demanda olhar não apenas para a própria prática, mas também questionar constantemente as metodologias utilizadas, os resultados alcançados e as possíveis melhorias que podem ser implementadas. Se a escola fornecer ao professor o ambiente para refletir sobre a sua prática, isso não quer dizer que o espaço satisfaz a necessidade da reflexão; em especial se não houver diálogo reflexivo com pares.

Mesmo que haja tal diálogo, é possível que seja necessário dialogar com sujeitos fora do ambiente escolar ou outros ambientes escolares. É possível que o diálogo reflexivo intraescolar não baste para o tratamento necessário dos problemas que levam a uma docência reflexiva, a exemplo de um aparato conceitual que ajude a delinear e expor propostas de superação.

Para Alarcão (2007), o pensamento reflexivo do professor parte da ideia de que o ser humano é pensante, capaz de refletir, criar, inventar e inovar (embora venha a agir de forma a reproduzir ideias externas). Mas é essencial reconhecer que o surgimento e a fluência do pensamento reflexivo não ocorrem na medida do monólogo — interior ou não. A reflexão é inherente, sim, mas a sua matéria tende a ser extrínseca, por isso sua força produtiva reside no estabelecimento de conexões, relações e diálogos com o externo, os outros. É preciso ouvir para haver confronto e validação de ideias (reflexões), assim como conhecer práticas para que se possa ir da crítica à autocrítica.

Então, a autora desvela a importância da reflexão na atuação cotidiana do professor — a prática docente. Segundo ela, é fundamental lidar com as

informações recebidas, mas distinguindo entre o que é relevante, pouco relevante e irrelevante para o contexto educacional. Por meio da análise reflexiva, o professor consegue realizar a avaliação de sua prática e fazer adaptações de acordo com as necessidades identificadas.

Na realidade das professoras aqui consideradas — suas práticas pedagógico-musicais com pessoas com deficiência — tem havido uma reflexão que leva à experimentação como parte do processo de ensino-aprendizagem de piano. Ante a inexistência de um plano de ensino para tal público, as professoras buscam estratégias partindo das práticas. Norteam-se pela programação anual do curso e utilizam os métodos indicados, mas experimentam em suas aulas uma prática reflexiva que almeja delinear métodos mais adequados para um dado momento da aprendizagem, para um dado aprendiz.

Heredero (2010) toca na questão em seu estudo ao destacar um atributo “muito importante” do educador hoje: “buscar conhecer cada vez mais cada um dos seus estudantes” para que possa chegar a “alternativas pedagógicas que melhor possam atender às peculiaridades e necessidades de cada um deles no processo de mediação da construção do conhecimento” (p. 7). Trata-se, porém, de tarefa ampla a um professor conhecer cada estudante de uma turma; mas, no caso do ensino de piano para pessoas com deficiência, parece ser mais plausível a ocorrência desse conhecimento, tendo em vista o número de estudantes que recorrem a escolas como o Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

Logo, o referencial teórico-conceitual que fundamenta esta pesquisa se alinha aos autores contemplados na revisão de literatura como forma de contribuir para uma maior compreensão das práticas pedagógico-musicais utilizadas pelas professoras de piano para pessoas com deficiência. A teoria (formação), as experiências (vivências) e as práticas (estratégias) analisadas e avaliadas de forma crítica-reflexiva se tornam saberes na caminhada profissional dos docentes e integram a construção atual do ensino de piano para esse público.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como referencial metodológico as orientações e pressupostos da pesquisa qualitativa para responder à seguinte pergunta de pesquisa: como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do Curso de Piano - Educação Musical para estudantes com deficiência do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG?

### 4.1 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa revelou-se a mais adequada para conduzir o desenvolvimento desta pesquisa. De acordo com Creswell (2021), a pesquisa qualitativa é uma abordagem interpretativa para o estudo dos significados das interações humanas, baseada nas interpretações de que o significado é construído socialmente. Assim, os pesquisadores devem estudar o ponto de vista pessoal, em termos teóricos, das pessoas envolvidas.

A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se ainda pelos seguintes aspectos: contato direto com o objeto de pesquisa; predominância do caráter descritivo da investigação; ênfase no processo e não apenas nos resultados ou produtos; e valorização do “significado” das perspectivas dos participantes. Diante disso, Bresler (2007) salienta que:

Investigadores qualitativos sustentam que o conhecimento é uma construção humana. Eles argumentam que enquanto o conhecimento começa com a experiência sensória de estímulo externo, essas sensações recebem imediatamente significados por aqueles que viveram essa experiência (Bresler, 2007, p.6-7).

Freire (2013) afirma que a pesquisa qualitativa “ou subjetivista não preconiza o afastamento do sujeito em relação a um objeto que seria externo a ele, como forma de conferir “cientificidade” à pesquisa, pois acredita na profunda e inevitável interação sujeito – objeto” (p.21-22). Atributos como esses mostraram que adotar a pesquisa qualitativa seria mais favorável à consecução

dos objetivos e à pergunta norteadora deste estudo, bem como para a interação direta com as professoras participantes desta pesquisa.

Evidentemente, lidar com a subjetividade impõe desafios à sistematização e análise dos dados

— à interpretação; ou seja, exige muito cuidado para que as impressões da pesquisadora não sejam ainda mais subjetivas do que as concepções de quem participa da pesquisa. Para tanto, procurou-se fazer diálogos, sempre que possível, com os dados e o referencial teórico-conceitual, sobretudo, porque se trata de um estudo limitado ao alcance de seus resultados, caso se pense na generalização dos achados.

#### 4.2 O MÉTODO DO ESTUDO DE CASO

O método adotado para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso, que é um tipo de pesquisa empírica cujo objetivo é aprofundar a compreensão de um fenômeno no contexto em que ocorre (daí seu alinhamento com a pesquisa qualitativa). Aqui, por um lado, há um contexto localizado: o ensino de piano em conservatório para estudantes com deficiência; por outro, há um contexto geral: o ensino de música para tal público. Nessa lógica, num plano contextual específico, pode-se aprofundar a compreensão sistemática do ensino de piano em suas distinções conforme o público; no plano geral, pode-se aprofundar a reflexão sobre as demandas que se impõem à educação musical especial.

Com efeito, conforme Yin (2005, p. 32), o estudo de caso se dedica à análise de um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real. No caso desta pesquisa, o fenômeno investigado foi a prática pedagógico-musical de professores de piano do Curso de Piano - Educação Musical para o ensino do instrumento a pessoas com deficiência. Com isso, definiu-se a estratégia do caso único, mais coerente com os objetivos da pesquisa. Isso porque o caso do estudo se refere a duas professoras inseridas no contexto do ensino de piano em conservatório, já que o fenômeno analisado se projeta na prática pedagógico-musical.

Nesse sentido, a análise considerou, como dados de pesquisa, a transcrição das entrevistas com as duas professoras, além de informações constantes no planejamento anual do curso de piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG; ou seja, recortes do contexto da prática de ensino de piano. Ao mesmo tempo, o produto da análise interpretativa foi associado aos fundamentos que sustentam o estudo e o filiam a uma perspectiva teórico-conceitual. Tais recortes contextuais se inscrevem no contexto maior: o Conservatório Estadual de Música e a sua oferta de educação musical, os quais merecem uma caracterização mínima.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para esta pesquisa, os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. Além disso, os dados para análise incluíram informações de documentos oficiais da instituição, isto é, que regulam, propõem e projetam o seu ensino de música.

##### 4.3.1 Documento

Considerar as práticas pedagógico-musicais das duas professoras de piano no viés aqui delineado exigiu compreendê-las à luz de documentos que norteiam o trabalho docente na instituição. Nesse sentido, o procedimento inicial para a coleta de informações foi o levantamento do número de estudantes com deficiência autodeclarados no ato da matrícula no ensino de piano do curso de Educação Musical, do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. Cabe reiterar que somam nove.

Depois, foi considerado o documento de planejamento anual do curso de piano, que é revisado, analisado e alterado anualmente, quando necessário, pelos professores de piano. Importante dizer que o projeto político-pedagógico da instituição (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2024) orienta que, nos encontros (reuniões), devem ser discutidos diversos assuntos referentes ao ensino de piano, em especial, questões pedagógicas, como o desenvolvimento do programa aplicado aos estudantes, atividades e

eventos organizados pelo curso para o alcance dos objetivos propostos e avaliação dos resultados obtidos. O planejamento anual abrange todos os objetivos definidos, os processos de ensino-aprendizagem e a metodologia.

Portanto, para entender como são construídas as possíveis adaptações pedagógico-musicais na busca de orientações e métodos específicos para alunos com deficiência, a análise de tal planejamento anual se tornou etapa importante da pesquisa. Essa etapa oportunizou a reflexão que se desdobra neste estudo sobre o ensino de piano para tal público no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

#### 4.3.2 Entrevista semiestruturada

Foram feitas entrevistas semiestruturadas com as duas professoras participantes. A escolha desse instrumento se justifica por ser um procedimento mais apropriado à condução da pesquisa, segundo seus elementos estruturantes. Conforme afirma Yin (2001), a entrevista combina direcionamento prévio por meio de um roteiro de perguntas e permite a flexibilidade necessária para adaptar as questões de acordo com o desenvolvimento da entrevista. Esse autor ressalta que a entrevista possibilita novos questionamentos com base nas respostas e reflexões dos participantes e do pesquisador durante a conversa.

O objetivo principal da entrevista semiestruturada foi obter uma maior compreensão das práticas pedagógico-musicais das professoras do curso de Piano - Educação Musical para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

##### 4.3.2.1 Participantes da pesquisa

Para a escolha de quem poderia colaborar com a pesquisa, foram seguidos os seguintes critérios: (1) atuar no curso há, pelo menos, 10 anos; (2) ter ministrado aulas para alunos com deficiência durante cinco anos consecutivos; (3) aceitar colaborar de forma voluntária com a pesquisa. Duas professoras de piano atenderam aos critérios e aceitaram.

A professora Valéria ministra aulas de piano no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG há 31 anos e já leciona há oito anos consecutivos para um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A professora Alice ministra aulas de piano, também no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, há 23 anos e, nesse período, tem lecionado para aluno com paralisia cerebral há nove anos. Ela, igualmente, se disponibilizou com prontidão a contribuir com a pesquisa; além disso, em 2023, passou a ministrar aulas de piano para duas estudantes com TEA e uma estudante com deficiência intelectual.

#### 4.3.2.2 A construção do roteiro de entrevista

As entrevistas foram conduzidas segundo um roteiro. A primeira versão incluiu uma variedade de tópicos afins às docentes de piano: informações gerais; detalhes de sua formação musical e pedagógica; experiência profissional, incluindo qualquer formação específica afim ao ensino de piano para pessoas com deficiência; adaptações pedagógico-musicais e estratégias de ensino; opiniões e visões sobre o ensino de piano para tal público.

Após a elaboração da primeira versão do roteiro de entrevista - revisado algumas vezes para ajustes e aperfeiçoamentos -, o documento foi enviado para validação de uma pesquisadora experiente. Ela fez considerações importantes, as quais, depois, foram incorporadas ao roteiro. Para a versão final, foi feita a seguinte alteração: inserção das questões que tratam do processo de avaliação do estudante com deficiência, pois essa informação contribuiria para a análise e reflexão da construção de estratégias de ensino pelas professoras (ver a versão final do roteiro no Apêndice A).

#### 4.3.2.3 Realizando entrevistas com duas professoras do Curso de Educação Musical - piano

As entrevistas com as duas professoras de piano foram realizadas nas dependências do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, ou seja, numa sala de aula de piano. Para a gravação em áudio, foi usado o recurso de

captação de um *smartphone* (telefone celular). Cabe dizer que a gravação foi autorizada pelas participantes a partir da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver Apêndice C). Antes de serem realizadas as entrevistas, as professoras foram informadas sobre os tópicos que seriam abordados pela pesquisadora.

A primeira entrevista ocorreu em 16 de outubro de 2023, das 18h10min às 19h10min. Antes do início de cada entrevista, foi informado à professora entrevistada o objetivo da pesquisa, ou seja, o motivo para se recorrer à entrevista com ela. No fim, a professora foi informada que, após a transcrição do áudio e textualização das falas, a entrevista seria enviada a ela para que pudesse fazer alterações que considerasse pertinentes. Assim, a entrevista escrita foi entregue à participante para uma leitura conjunta (participante e pesquisadora) e posterior validação do texto. Nessa etapa também foram acrescentadas informações importantes ao entendimento mais exato das respostas dadas.

A segunda entrevista ocorreu no dia 19 de outubro de 2023, das 13h50min às 15h20min.. Foram replicados os procedimentos adotados com a primeira professora, de modo que não houve nada que merecesse ser destacado como distinto entre as duas experiências de entrevista; ao menos não para os fins da pesquisa. Posteriormente, foi gerado um arquivo para cada transcrição das entrevistas, os quais foram paginados para facilitar o processo de análise.

Além disso, uma pesquisa que envolve professoras (e indiretamente seus alunos com deficiência) exige atenção especial à dimensão ética da investigação; isto é, à adoção de princípios éticos prescritos para pesquisas com seres humanos.

#### 4.4 QUESTÕES ÉTICAS

Esta investigação adotou os princípios éticos para pesquisas com seres humanos. Inicialmente, foi encaminhada à direção da escola uma solicitação formal de autorização para a realização da pesquisa na instituição

(ver Apêndice B). O documento apresentou a pesquisadora e informou os objetivos da investigação. Uma vez dada a autorização, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver Apêndice C) para as duas professoras de piano do curso de Educação Musical. Ambas foram informadas de que a pesquisa as protegeria de quaisquer tipos de danos e prejuízos. Cientes do processo, as professoras confirmaram a sua participação, inclusive deram a permissão para utilizar as informações prestadas durante a entrevista semiestruturada em produções acadêmicas.

Outra questão ética considerada foi a garantia do anonimato às duas participantes. Foi-lhes perguntado se teriam preferência por um nome fictício a ser utilizado no texto nas menções diretas a elas; optaram por não escolher, assim como não escolheram o nome de seus estudantes. Dessa forma, as professoras são referidas neste estudo como Valéria e Alice, e os estudantes como Heitor e Jonas.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

As etapas de análise dos dados foram realizadas a partir dos dados coletados através das entrevistas e documentos. A transcrição da entrevista foi feita mediante a escuta das falas das participantes, presentes em áudio, tornando-se um formato mais “visível” tanto para fins de análise da pesquisadora, quanto para a leitura e confirmação das informações contidas no documento pelas participantes.

A preparação pressupôs um processo de textualização envolvendo leitura e releitura do texto com comparação de áudio quando necessário. Em seguida, foi realizado o processo de textualização para deixar a transcrição em condições de ser lida, analisada e interpretada. O trabalho consistiu em abrandar marcas de fala, como as interjeições enfáticas, a hesitação e a suspensão do discurso (frases só iniciadas), para padronizar variações na pronúncia (quando a transcrição literal comprometia o entendimento da palavra), dentre outros procedimentos que deixaram o texto mais próximo da escrita em sua materialização ortográfica e gramatical, ou seja, mais fluente à leitura crítica.

Nesse sentido, os textos que resultaram no documento das entrevistas foram considerados os dados centrais da pesquisa, pois traduzem diretamente o seu objeto — as práticas pedagógico-musicais das professoras de piano.

Para finalizar esse processo, foi realizada a validação do texto das entrevistas pelas docentes participantes. Assim, o documento da entrevista de cada professora foi enviado a elas para que fosse lido e alterado no que achassem necessário. Uma vez validadas as entrevistas, foi iniciada a sua codificação no software Nvivo versão 10, empregado como ferramenta de análise. O tipo de codificação foi a aberta, cujos passos englobam conceituação, elaboração de memorandos, categorias e propriedades, e dimensões, conforme Strauss e Corbin (2008).

Para esses autores, em tal codificação, os pesquisadores realizam uma leitura minuciosa dos dados, linha por linha, para capturar as ideias e conceitos relevantes. Então, atribuem códigos descritivos ou palavras-chave aos segmentos de texto que expressam ideias ou temas semelhantes. Os códigos ajudam a resumir e organizar o conteúdo de maneira a fornecer a base para a próxima etapa da análise.

Enfim, os códigos foram agrupados por similaridades — propriedades em comum —, o que deu margem para pensar e formular as categorias de análise: 1<sup>a</sup>) formação pedagógico-musical ao piano; 2<sup>a</sup>) experiência docente com pessoas com deficiência; 3<sup>a</sup>) práticas pedagógico-musicais do ensino de piano construídas com pessoas com deficiência.

Com a primeira categoria, pretendeu-se construir uma compreensão do que a formação das professoras oferece a elas quanto ao saber aplicável à prática de ensino de piano para pessoas com deficiência; com a segunda categoria, a intenção foi produzir uma compreensão sobre como é lecionar piano para tal público discente: as dificuldades, os empecilhos, os entraves, as limitações — ou seja, os desafios; com a terceira categoria, intencionou-se compreender como agem as professoras para superar os desafios e como elaboram suas práticas pedagógico-musicais no ensino de piano para pessoas com deficiência.

Paralelamente a esse processo de categorização dos dados gerados nas entrevistas, foi feita a leitura analítica do documento que compõe o rol de

dados da pesquisa. Atenção especial foi dada às partes que se relacionam com o fazer das professoras, que foram lidas e relidas com o apoio dos conceitos estratégicos do referencial teórico adotado e da literatura sobre o ensino de música para pessoas como deficiência. A leitura foi acompanhada de notas, comentários, observações, indagações, dentre outros elementos de compreensão, a fim de desenvolver a reflexão na análise dos dados.

## 5 O PLANEJAMENTO ANUAL DO CURSO DE PIANO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA “DR. JOSÉ ZÓCCOLI DE ANDRADE”, DE ITUIUTABA - MINAS GERAIS

O Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, de Ituiutaba, em Minas Gerais, foi criado aos 25 de novembro de 1965, sob o governo estadual de José de Magalhães Pinto, conforme Lei nº 3.595 (Minas Gerais, 1965). Foi autorizado a funcionar pela Portaria nº 11/66, de 23 de fevereiro de 1966 (Gonçalves, 1993); e, em março, tiveram início as atividades de ensino musical (piano e violão).

Desde então, o curso de piano tem procurado valorizar o instrumento, mas ainda estimular e motivar os estudantes. Na busca pela sua valorização na escola, foi criado o Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto”, o qual se destacou pela abrangência e pelo reconhecimento nacional. Esse evento se tornou uma tradição de três décadas (completadas em 2023), durante as quais foram divulgadas a música brasileira e fomentadas a composição da música brasileira contemporânea.

No concurso, os estudantes do curso de piano têm a chance de interagir com outros músicos e professores, e, assim, partilhar conhecimentos, experiências e perspectivas de interpretações. A interação promove um ambiente de aprendizado colaborativo: cada qual contribui com suas habilidades e aprende com as demais pessoas. Fazer esta pesquisa nesse contexto de ensino-aprendizagem de piano é extremamente relevante, considerando a tradição do ensino desse instrumento no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

Não por acaso, o planejamento anual do piano (2022) destaca que tal concurso é uma das estratégias para que sejam cumpridos os objetivos propostos. Além de ser amplamente reconhecido em nível nacional, o evento representa uma iniciativa muito relevante à área do piano, pois seu propósito inclui enaltecer o instrumento ao difundir a música nele produzida e tocada, bem como fomentar o interesse pela música contemporânea, oferecer aos participantes a oportunidade de cultivarem o apreço pela cultura da música, promover a prática musical em conjunto, identificar novos talentos, fortalecer a autoconfiança e habilidades sociais de quem participa e fomentar o intercâmbio

cultural enriquecedor, dentre outros pontos (Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade, 2022, p.03).

A idade mínima para iniciar os estudos musicais no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG é de 6 anos; também se exige que as crianças estejam cursando o 1º ano da educação básica. O ciclo inicial é direcionado para as crianças. O estudante inicia seus estudos no instrumento musical piano somente no 2º ano do ciclo inicial, conforme o Regimento Interno desse Conservatório (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2024). Estudantes do 1º ano do Ciclo Inicial iniciam seus estudos musicais no instrumento flauta doce. Adolescentes, adultos e idosos que nunca estudaram no Conservatório e desejam aprender a tocar o instrumento musical piano são matriculados no ciclo intermediário.

Convém enfatizar que o foco desta pesquisa foi no nível de Educação Musical, nível de aprendizagem dividido em três ciclos: Inicial, Intermediário e Complementar. Cada um tem duração de três anos, mas, conforme o projeto político-pedagógico da instituição, todos os matriculados no primeiro ano dos cursos de instrumento devem fazer o instrumento musical flauta doce. Dessa forma, no Curso de Educação Musical - Piano, a criança só inicia no estudo do instrumento a partir do segundo ano do ciclo inicial. Os estudantes do Curso de Educação Musical – Piano fazem uma aula semanal de 50 minutos do instrumento. A cada bimestre, acontece uma avaliação da aprendizagem:

A avaliação tem como objetivo a sondagem de conhecimentos, o acompanhamento e a verificação do processo ensino - aprendizagem de modo a oportunizar a todos, as condições necessárias para o desenvolvimento do conhecimento, da interpretação e da técnica pianística (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2022, p.12)

A cada ciclo, os estudantes têm a progressão continuada. No último ano do ciclo complementar, o curso de piano exige uma prova classificatória com conteúdo programático definido para transição do curso de Educação Musical ao Técnico Profissionalizante. Assim, nesse último ano do ciclo complementar, “o estudante que for cursar o 3º Ano do Ciclo Complementar poderá optar entre o programa da série em curso ou o programa da prova classificatória” (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade,

2022, p.10). Divididos por ciclos e por bimestres (quatro bimestres anual), os métodos indicados e escolhidos pelos docentes do curso de Educação Musical no Planejamento Anual do Piano são os que se seguem.

James Bastien: Pré- Iniciante, vol. I, II, III, IV; Piano para El Pequeno Principiante; Piano Lessons Book 1,2,3,4; Adulto Piano Method (Hal Leonard Student Piano Library); The Keyboard Crocodile- Easy Piano Pieces for Children; Ludus: Vol. I; Bartók: Vol. I; Obras diversas de compositores contemporâneos brasileiros e estrangeiros; Obras diversas de compositores clássicos, românticos, modernos. (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2022, p.11).

De acordo com o planejamento anual do curso de piano, esses métodos, quando trabalhados no curso de Educação Musical – Piano, devem contribuir para alcançar os objetivos almejados para o ano; logo, fazem parte do processo de ensino-aprendizagem desde a iniciação ao estudo do piano até a condição de estar apto ao curso técnico-profissionalizante.

São métodos que abrangem a iniciação musical no instrumento: improvisação, estudos técnicos, performance interpretativa, elementos característicos de cada gênero musical, conhecimento formas e estilos musicais variados. Além disso, esses métodos oportunizam ao estudante do curso de Educação Musical o interesse em continuar o estudo pianístico. Conforme a faixa etária e acompanhando cada ciclo, os métodos abordam aspectos importantes como a exploração sonora, o desenvolvimento da leitura relativa e da leitura absoluta, e a aquisição de habilidades motoras, o ensino da leitura, a contagem e as habilidades técnicas (Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” 2022, p. 5).

Com efeito, a escolha dos métodos e repertórios cabe aos professores de piano, assim como a elaboração do planejamento do curso. Tudo tem validade anual, ou seja, os documentos são reestruturados ao fim de cada ano letivo. Apresentam itens como objetivos, justificativas, avaliação, cronograma de atividades e indicações de métodos didáticos.

Os objetivos gerais visam oportunizar uma aprendizagem global da música, uma experiência significativa e prazerosa do saber interpretar e ler corretamente trechos e/ou obras musicais, do estímulo ao aluno para prosseguir os estudos pianísticos de forma gratificante. Ante os objetivos

propostos, todos os estudantes, sem exceção, têm a possibilidade de vivenciar a música através do piano, inclusive os que têm deficiências, conforme ressaltado na metodologia do planejamento anual.

Serão usadas alternativas metodológicas diversificadas capazes de atender às necessidades do educando, apresentando estilos musicais variados, trabalhando a improvisação e procurando sempre oportunizar e estimular os alunos a participarem das atividades oferecidas dentro da escola como *masterclass*, oficinas, recitais, aulas em grupo, atividades extraclasse e extracurriculares, Semana Cultural, Concurso de Piano Interno, Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto” e também atividades desenvolvidas fora da escola (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade 2022, p. 5)

Assim, torna-se perceptível que é de responsabilidade do professor a escolha da abordagem que mais se ajusta às condições do aluno; ao mesmo tempo, o professor deve ser capaz de justificar seus objetivos ao optar por dada abordagem ou mesmo ao mesclar propostas.

O planejamento anual diz que “nos ciclos Inicial, Intermediário e Complementar, os alunos terão progressão continuada, portanto não são necessárias as provas de bancas, mas devem ter seus registros de conceito e programa na ficha individual de acompanhamento” (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2022, p. 12). Nas fichas individuais de acompanhamento — preenchidas a cada bimestre (total de quatro bimestres) —, os professores registram os métodos aplicados nas aulas, seguindo ou não os sugeridos no planejamento anual do Curso de Piano - Educação Musical.

Como facilitador da aprendizagem, o professor deve conhecer os alunos, estar familiarizado com uma variedade de materiais e com o modo de utilizá-los na sequência da aprendizagem. Deve ajudá-los a utilizar os recursos de forma a desenvolver suas capacidades. O planejamento anual já citou, algumas vezes, a atitude de sempre estimular, de forma prazerosa, os alunos a participarem de recitais propostos pelo curso, inclusive do concurso de piano. Isso é visto como forma de se alcançar os objetivos propostos, sobretudo na parte performática, e de despertar o interesse por músicas contemporâneas. “Também com objetivo pedagógico, foi criado em 2010 o Concurso Interno, que visa estender a todos alunos que quiserem a oportunidade de participarem

deste formato de apresentação, o concurso” (Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade, 2022, p. 3).

Com efeito, o planejamento anual sugere a aplicação de métodos, de forma igualitária, para todos os estudantes. Sendo assim, não se menciona nenhuma informação de possíveis maneiras de adaptações ou métodos adequados ao ensino de piano para pessoas com deficiência. Logo, não apresenta orientação metodológica e didática específica ou que possa ser útil a adaptações do ensino para esse público.

Essas observações não devem ser lidas como crítica ao planejamento anual do curso de piano. Antes, a intenção é apresentar uma compreensão do contexto em que as professoras realizam suas práticas pedagógico-musicais para fundamentar a análise dos dados (entrevistas das professoras), tendo em vista a relação entre o currículo prescrito e o currículo em ação: aquele que acontece na prática em sala de aula. Exemplo disso está no planejamento anual do curso de Educação Musical – piano em 2022 e 2023, que não trouxe informações pedagógico-musicais acerca do ensino de piano para pessoas com deficiência. Além disso, mesmo que seja passível de crítica, o planejamento anual presume alterações anuais para que seja ajustado à demanda.

No ano de 2023, o curso de piano teve 348 matriculados, a fim de que aprendessem a tocar esse instrumento; do total, nove matriculados são declarados como pessoas com deficiência. Destes, um aluno com diagnóstico de transtorno do espectro autista e outro com diagnóstico de paralisia cerebral foram participantes indiretos da pesquisa; ou seja, ajudaram na construção dessa compreensão sobre como se configuram as práticas pedagógico-musicais das duas professoras que lecionam piano para eles no curso de Educação Musical.

## 6 A S PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICais DAS PROFESSORAS ALICE E VALÉRIA

A análise das práticas pedagógico-musicais no ensino de piano para pessoas com deficiência das professoras Valéria e Alice se organizou segundo três categorias: formação musical ao piano; experiência profissional com pessoas com deficiências; e práticas pedagógico-musicais do ensino de piano para pessoas com deficiência.

### 6.1 A FORMAÇÃO PEDAGÓGICO-MUSICAL AO PIANO

O início do estudo do piano pelas professoras ocorreu em contextos escolares diferentes. Enquanto Valéria teve aulas particulares quando estava na faixa etária dos 9–10 anos, na sua cidade natal, em Jaboticabal (SP), Alice iniciou os estudos no piano aos 6 anos de idade, no conservatório estadual de Ituiutaba, onde sua mãe lecionava o instrumento. Contudo, a sequência da formação aconteceu para ambas em tal instituição.

Por volta dos 18 anos de idade, a professora Valéria se mudou para Ituiutaba, onde realizou prova classificatória para ingressar no ensino de piano do conservatório, instituição de ensino gratuito. Foi classificada para o oitavo ano, que antecede o curso técnico-profissionalizante. Depois, cursou os três anos do curso Técnico de Piano. Assim, foram quatro anos de estudo na instituição.

A professora Alice, além de ter iniciado seus estudos no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, continuou em toda a sua formação pianística inicial: da educação musical ao curso técnico. Os métodos que estudou no início da sua formação pianística foram: Meu piano é divertido; Ciranda dos dez dedinhos; BélaBartók; LudusBrasilienses, A dose do dia e outros. No curso Técnico de Piano, o repertório estudado foi o erudito e o popular. O primeiro incluiu peças de Johann Sebastian Bach, Franz Liszt, Frédéric François Chopin, Robert Alexander Schumann, Wolfgang Amadeus Mozart, Dmitriy Borisovich Kabalevskiy, Ludwig van Beethoven e as músicas do concurso de piano "Prof. Abrão Calil Neto", de Ituiutaba-MG, que, à época, se

voltava a obras não somente de compositores contemporâneos brasileiros, como é realizado atualmente, mas também de eruditos e contemporâneos estrangeiros. O repertório popular foi estudado na disciplina de leitura à primeira vista.

A formação musical pianística de Valéria foi toda erudita: do início dos estudos na graduação até a especialização. De início, os métodos estudados foram: Aventuras no país das maravilhas, Francisco Russo, Mário Mascarenhas (facilitado), Anna Madalena Bach e os estudos de Carl Czérny. Na parte teórica, ensinada pela professora particular de piano, segundo Valéria, foram adquiridos conhecimentos básicos, inclusive todo o Método Bona. Estudando piano no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG (curso técnico), Valéria continuou os estudos de repertório erudito. Conforme disse, sua aprendizagem “foi extremamente erudita” (Valéria, entrevista em 19/09/2023, p. 1). Sonatas, prelúdios, invenções e sinfonias fizeram parte de seu repertório erudito, além de canções de Osvaldo Lacerda e Chiquinha Gonzaga.

Para a professora Alice, repertórios de estudo no piano no curso técnico — a exemplo dos estudos técnicos de Heitor Alimonda e Johannes Brahms — foram uma parte desafiadora de sua aprendizagem, tal qual comentou em sua entrevista.

Minha mão era muito pequena, tanto que eu tive que repetir dois anos e ainda tive que interromper os estudos de piano por um tempo. Eu sou portadora de nanismo hipofisário.<sup>2</sup> Então, minha mão era muito pequena para que eu continuasse. Tanto que na época eles achavam que eu deveria parar, que eu não ia conseguir realizar os estudos de piano (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 1).

Nesse trecho, ainda que breve, dois pontos se destacam: o termo “portadora” e a atitude relativa à deficiência. A professora expõe sua condição física com uma nomenclatura em desuso, pois é incoerente em relação aos

<sup>2</sup> Em linhas gerais, a expressão nanismo hipofisário ou pituitário designa a estatura baixa derivada da produção deficiente do hormônio do crescimento, dentre outras causas como a resistência do organismo à ação de tal hormônio. A deficiência hormonal é diagnosticada com frequência, mas não o que a provoca (cf. Silva, 2004).

consensos definidos para o processo de inclusão. Segundo documentos e fontes oficiais, a expressão pessoa com deficiência foi definida como sendo a mais correta e a oficial no Brasil. Tal definição foi dada na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência e aprovada em dezembro de 2006 pela assembleia geral da Organização das Nações Unidas (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2024, on-line).<sup>3</sup> Aqui, foi ratificada conforme emenda à Constituição federal (vide decreto legislativo 186/2008 e decreto 6.949/2009) (Brasil, 2008, 2009).

No caso da professora, o uso da palavra “portadora” pode ser resquício de um termo utilizado por anos no cotidiano, sobretudo nos meios de comunicação. É possível que, de tanto ler e ouvir, a palavra tenha se fixado no vocabulário de Alice para se referir à sua condição, pois ela a percebeu no momento do curso de piano no Conservatório Estadual de Música.

Enfim, a fala de Alice deixa a reflexão sobre uma questão central: a deficiência que acompanha a existência de uma pessoa tende a ser uma deficiência para o outro, um olhar externo. É o outro que a reconhece em seu semelhante e que atribui limitações. Isso fica claro na fala de Alice: ela não se percebia como uma pessoa limitada fisicamente para tocar piano; por isso, quando parou seus estudos, foi por vontade de outrem (“eles achavam que eu deveria parar”). Quem a via como incapaz para o piano eram os outros: o olhar externo.

Segundo Alice, foram dois anos trabalhando com exercícios fisioterápicos, fortalecimento, repertório apropriado, trabalho com bolinhas, tudo que poderia desenvolver e ampliar a musculatura para dar continuidade ao estudo do piano. Ela foi enfática sobre seu propósito: “Eu nunca desisti. Eu tentava, eu ia até conseguir” (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.2). Ao mesmo tempo, ela destacou — ao ser questionada — que, na época em que estudou no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, não era discutido, entre professores, o ensino de piano para pessoas com deficiência, nem as formas de superação dos desafios; e mais: o repertório de piano no curso técnico não era flexibilizado em razão de sua condição.

---

<sup>3</sup> O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios tem um núcleo de inclusão, onde se discutem questões como a nomenclatura a ser usada por pessoas cujas condições físicas, intelectuais e sensoriais as situam como alvo de políticas públicas de inclusão.

A cobrança era a mesma [para todo o corpo discente]. Na época, chegaram a falar para minha mãe que era para eu abandonar o piano, que não era para eu continuar. Aí, eu bati o pé, juntamente com minha professora, que também permaneceu firme e dizia que eu não iria parar. “Ela vai continuar”. Nisso, eu já participava do concurso de piano, eu fazia aquelas obras do concurso, além das fisioterápicas, porque o que uma outra professora provou é que a mão dela é menor que a minha mão e que ela tocava e que eu teria, sim! Plenas condições de tocar. Então, foi mais preparo técnico para eu conseguir (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 2).

Essa fala exemplifica a sensibilidade da profissional que não desistiu e acreditou na competência da estudante. Diante disso, se o tamanho da mão era a medida da capacidade de tocar, então seria injustiça impedir Alice de prosseguir no piano sob a justificativa de que não tinha mãos apropriadas ao instrumento. Então, pode-se dizer que a influência da professora de piano sobre Alice teve efeitos, de fato, duradouros, porque a levou a querer continuar estudando e tocando piano.

Mesmo com os desafios enfrentados no curso Técnico de Piano, no Conservatório Estadual de Música, Alice decidiu dar continuidade aos estudos de piano e, em 2000, ingressou na então Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Música da Universidade Federal de Uberlândia.<sup>4</sup> Igualmente, continuou o estudo do repertório erudito envolvendo compositores, como Ludwig van Beethoven, Johannes Brahms, Franz Liszt, Frédéric François Chopin, Robert Alexander Schumannne Sergei Vasilievich Rachmaninoff.

Ao longo do curso, Alice frequentou as disciplinas Música de Câmara e Tópicos e Performance, em que acompanhava ao piano os colegas do canto, flauta, violão e outros instrumentos. Contudo, se viu como uma estudante que precisava se desdobrar, sobretudo na escrita e na leitura de partituras, conforme disse: “Sempre tive o ouvido muito bom, mas a minha leitura se tornou preguiçosa, sempre tive muita facilidade para decorar e memorizar”

<sup>4</sup> O curso de Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Música da Universidade Federal de Uberlândia contemplava o estudo do instrumento musical em todos os períodos do curso. No caso deste estudo, o instrumento musical - piano. O Curso de Educação Artística/Habilitação em Música da UFU existiu até 2005. Em 2006, começou a vigorar o currículo do Curso de Graduação em Música com Habilitação em Instrumento (nome do instrumento) ou Canto – Licenciatura e Bacharelado.

(Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 3). Pela fala da professora, a leitura de partitura foi uma parte importante na formação pianística e, mesmo tendo outras potencialidades, ela enfrentou esse desafio para conseguir concluir o curso.

A professora Valéria também realizou sua formação pianística no Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música, na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Ela ingressou nesse curso no ano de 1991 e, logo em seguida à finalização do curso, realizou a especialização em Performance no Piano, concluindo seus estudos em 1997. Em toda a formação na licenciatura, Valéria sempre se dedicou aos estudos do piano. Em apenas uma disciplina de instrumento complementar, ela estudou o instrumento flauta transversal por três semestres, não dando continuidade aos estudos desse instrumento.

O repertório de estudo continuou a ser o mesmo dos tempos de Conservatório, ou seja, o erudito: obras do período clássico, barroco e peças para música de câmara e exercícios técnicos, tal qual a entrevistada descreveu.

Vai aumentando os níveis de dificuldade; mas basicamente isso: estudo de oitava, que eu não conhecia e estudo de Chopin. E, quando a gente entra na universidade, as obras vão dificultando: sonata completa, e não mais pela metade. Então basicamente isso; mas nunca popular (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 1).

Diante de sua formação pianística com foco no repertório erudito, a professora Valéria atribuiu a sua dificuldade enfrentada na parte teórica (por exemplo, solfejos harmônicos) no curso de Licenciatura à falta de repertórios populares. Mas, no geral, recordou a experiência da formação docente inicial como algo que lhe era confortável: “Era um lugar cômodo para mim. Eu não sofria tanto. Mas nas aulas de percepção, eu sofria, tinha que morrer de estudar” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 2). Dessa forma, por mais coerente que tenha sido a formação no Conservatório Estadual de Música e na Licenciatura em função do repertório, a universidade trouxe algo novo para o qual Valéria se viu um tanto despreparada e que exigia uma dedicação intensa quanto aos estudos na parte teórica.

Mesmo assim, ela ressaltou que sempre teve facilidade na leitura à primeira vista de partituras quando cursou o curso Técnico de Piano no Conservatório Estadual de Música e no curso de Licenciatura. Na universidade, Valéria — igualmente Alice — se envolveu com grupos de Música de Câmara. Acompanhava, ao piano, os colegas da flauta, violino e canto: “Era natural acontecer [alguém lhe dizia]: ‘Valéria, pega a partitura e toca isso daqui para mim’ (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p.2).

Visto que a professora demonstrou (e ainda demonstra) ter facilidade para ler partituras à primeira vista, assim como na área performática, ela continua a acompanhar grupos de Música de Câmara no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, onde leciona, a ponto de estar ocupando um cargo de acompanhadora.

Ao serem perguntadas se cursaram alguma disciplina relacionada ao ensino de piano para pessoas com deficiência na Licenciatura em Música, elas foram enfáticas:

Não. Nada! Década de 90, pensa!? Acho que nem atinavam para isso. O estudo para pessoas especiais, não sei nem se existia (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 2).

Não. No piano nada! Tanto que hoje a gente pode observar que não tem nem materiais pedagógicos. Atualmente que está se falando em métodos. Nem quando eu comecei com meu primeiro aluno especial, o Jonas, não tinha nada, não se falava, não tinha material. Então, foi tudo um processo (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 4).

Dessa fala, comprehende-se que nenhuma disciplina pedagógica da licenciatura que realizaram promoveu discussão sobre o ensino de piano voltado a pessoas com deficiência. No entanto, a lacuna parece ser coerente com a época da graduação, sobretudo da professora Valéria. Ela revela um senso histórico forte em sua fala, pois — convém lembrar — o movimento de inclusão foi fenômeno posterior à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 1996.

As reverberações do movimento de inclusão na organização da sociedade civil (particular e institucional), ou seja, em movimentos pró-políticas públicas para minorias e grupos sem amparo legal em sua existência, com limitações variadas e severas, aconteceram após a década de 1990. Portanto,

não seria possível ela ter estudado tais conteúdos na licenciatura. Alice, por sua vez, entrou na licenciatura em 2000, um pouco antes de tais movimentos se vigorarem e desencadearem ações concretas de inclusão e chegarem à formação docente inicial.

Sobre essa lacuna formativa, conforme expressado pela professora Valéria, no ensino de piano para pessoas com deficiência, Neves (2019, p. 183) comenta que “cursos de graduação” (ou seja, Licenciaturas em Música) mais recentes incorporam disciplinas de Educação Musical Inclusiva na matriz curricular. No entanto, essas disciplinas tendem a abordar o tema de forma abrangente, ou seja, não se atêm às particularidades e especificidades de cada deficiência.

Ainda assim, embora as professoras não tenham estudado nada sobre esse tema na Universidade, a professora Alice experimentou os primeiros efeitos dos movimentos e das políticas públicas em prol da inclusão de pessoas com deficiência na educação. Ela disse ter tido contato com um grupo de pessoas surdas, como vivência de prática de ensino em uma atividade disciplinar na licenciatura, ministrada no Conservatório de Música de Uberlândia (MG). Essa experiência aconteceu no formato de estágio, que incluiu observação de docentes e, depois, a prática.

A conclusão da disciplina de prática de ensino, o estágio final, ocorreu no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, onde observou e interagiu em meio a pessoas com deficiência auditiva que tocavam flauta doce. Sobre essa participação, a professora Alice fez o seguinte comentário: “Eu achei muito interessante o processo [...] por tudo que eu passei, no próprio piano, aquilo me chamou atenção que hoje para mim é meu foco, quero trabalhar com essas crianças” (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 5-6).

Com efeito, essa fala apoia a reflexão, feita antes, de que os saberes experienciais da professora Alice, acumulados desde à época do seu aprendizado de piano, permanecem presentes na sua formação profissional. Seus efeitos se manifestaram em tais experiências de práticas de ensino: o que havia passado em seu aprendizado — sua vontade discente e a vontade docente — a deixou com certa disposição em se interessar pelo que viu; se

não isso, ao menos a deixou com certa sensibilidade para o ensino de piano destinado a pessoas com deficiência. Para afirmar, com convicção, esse é o seu foco de interesse profissional no Conservatório hoje.

Refletindo conforme Tardif (2014), os saberes docentes constituem conhecimentos teóricos (saberes disciplinares), práticos (saberes pedagógicos) e experienciais (saberes da experiência), os quais formam a cultura docente em ação em meio às complexidades educacional e profissional. Com isso, a fala da professora Alice, a partir da perspectiva do autor, demonstra um processo dinâmico na construção dos saberes docentes, em que os diferentes tipos se relacionam e se complementam, contribuindo para o desenvolvimento de uma prática educativa reflexiva e eficaz.

Diferentemente de Alice, a professora Valéria não pôde ter tal experiência prático-formativa, tal qual ela comenta: “Fiz muitos estágios em escolas de educação básica, com crianças típicas, nada relacionado com essa área [educação musical especial e inclusiva]” (Professora Valéria, entrevista em 19/10/2023, p. 3). Também disse nunca ter passado pela sua cabeça ministrar aulas de piano para pessoas com deficiência. Sendo assim, sua fala reforça o entendimento de que na década de 1990, a Educação Musical Especial ainda estava distante da formação inicial em piano segundo a Licenciatura em Música.

Diante da lacuna na formação inicial específica para pessoas com deficiência, as professoras foram questionadas sobre a formação continuada para o ensino musical destinado a pessoas com deficiência. A professora Valéria informou nunca ter participado de cursos de formação complementar, como minicursos e workshops na área da educação musical voltados para pessoas com deficiência. Sobre isso, destaca-se aqui a fala da professora Valéria:

Nem quando o [seu aluno] Heitor veio, na verdade, eu nem sabia que existia cursos de formação para esse público. Ele tem 15 anos [de idade] hoje, então tem uns sete, oito anos que ele está comigo. Não sei nem quando surgiu esses cursos (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 4).

Nessa fala, a professora Valéria afirma que nunca participou de cursos de formação complementar (minicursos, workshops...) na área da educação musical voltada para pessoas com deficiência. Convém refletir sobre o seguinte: a quem leciona, importa em primeiro plano lecionar; antes de tudo, é preciso ser professora e fazer valer, sobretudo, os seus saberes docentes. Entretanto, segundo a perspectiva de Tardif (2014):

Na formação profissional podem ser percebidas pelo menos quatro fases de formação para a profissão que são cronologicamente distintas e apontam para a aquisição de saberes e de competências diferenciadas. Essas fases expressam-se na longa duração e na variedade da formação dos professores, a qual começa antes da universidade, durante a formação escolar anterior, transforma-se na formação universitária inicial, valida-se no momento do ingresso na profissão, nos primeiros anos de carreira e prossegue durante uma parcela substancial da vida profissional. Em suma, as fontes da formação profissional dos professores não se limitam à formação inicial na universidade; trata-se, no verdadeiro sentido do termo, de uma formação contínua e continuada que abrange toda a carreira docente (p. 283).

O autor ressalta que a formação do professor é um processo contínuo, que tem início antes mesmo da formação inicial e se estende por toda a sua vida profissional, exigindo um constante aprimoramento e atualização para lidar com os desafios da profissão. Por esse motivo, a professora Alice empreendeu um caminho diferente ao da professora Valéria. Ela deu continuidade aos estudos e cursou uma especialização em ação multidisciplinar do trabalho pedagógico. Em uma das disciplinas foi abordada a educação especial, despertando em Alice o interesse em fazer outra graduação.

Em 2016 eu fui fazer o curso de Pedagogia na UEMG [Universidade Estadual de Minas Gerais] e eu me apaixonei pelo curso. Tivemos acesso aos trabalhos da UFU [Universidade Federal de Uberlândia], fizemos uma parceria com a mesma, e eles falavam sobre a construção de materiais pedagógicos para pessoas com cegueira. Fizemos também trabalhos para quem tem TEA [Transtorno do Espectro Autista], dislexia [dificuldade de leitura], dislalia [dificuldade na articulação de palavras], discalculia [dificuldade em cálculos matemáticos], TOD [transtorno opositor desafiador] e TDAH [transtorno do déficit de atenção com hiperatividade] (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 5).

Nessa fala da professora Alice, nota-se que a professora domina um vocabulário atual e alinhado aos discursos do saber da educação especial e inclusiva, como também na citação dos nomes das condições que afetam a aprendizagem. Subjacente a essa característica, parece estar sólida a continuidade dos estudos durante e após a licenciatura. Em complemento, a professora Alice ressalta que essa segunda graduação mudou a sua visão profissional e pessoal sobre o processo de ensino para pessoas com deficiência. Ela comenta:

No meu processo do ensino de piano, não tive tanto apoio, somente da minha mãe e da minha professora de piano. Então, o curso de Pedagogia me ajudou ainda mais a ajudar esses alunos; eles falarem “Eu existo, eu estou aqui. Não é porque eu tenho limitações que eu não vou conseguir”. Te faz enxergar o ser humano em primeiro lugar, inclusive por todas as dificuldades que eu também passei enquanto portadora de Nanismo. Então, me ajudou e me fortaleceu ainda mais para me abrir para esse campo da educação musical especial (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 5-6).

O curso de Pedagogia ajudou a professora Alice a ampliar sua visão profissional, enquanto a fortaleceu com um saber que construía mais na prática do que na teoria. Seu desafio pode ser considerado o primeiro requisito para expandir seu repertório de conhecimentos pedagógicos, especialmente no que se refere ao processo de ensino envolvendo pessoas com deficiência.

Essa jornada de aprimoramento e aquisição contínua de conhecimentos para o desenvolvimento profissional, particularmente a decisão de cursar Pedagogia, situa a professora Alice no que Tardif (2014) aponta sobre a construção do saber dos professores como algo ligado à sua identidade, às experiências de vida, à trajetória profissional e às relações com alunos e com outros atores da escola. De fato, pelo que ela disse, sua formação se entrelaça profundamente com a identificação e reflexão sobre a sua própria trajetória pessoal. Para o autor, esses elementos, juntos, formam a base do saber docente, evidenciando que a prática educacional é um processo evolutivo, contextual e reflexivo.

Portanto, na conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia, a professora Alice já ministrava aulas de piano para um aluno com paralisia cerebral, o que a fez elaborar o seu trabalho final com foco em suas práticas de ensino de piano para ele; ou seja, ela discorreu sobre o seu ensino de piano para um dado aluno, de modo a unir saberes construídos no curso de Pedagogia à sua vivência profissional como professora de piano.

Pelo que foi dito, percebe-se que o caminho seguido logo após concluírem a licenciatura na Universidade Federal de Uberlândia se diferencia de uma professora em relação à outra. Cada uma seguiu seu percurso formativo conforme as suas particularidades e interesses pessoais. Valéria se voltou à performance instrumental; Alice buscou capacitações e formações pedagógicas em razão de vivências e experiências próprias, inclusive na área da educação especial, a fim de compreender a especificidade de cada contexto educativo.

Segundo Tardif (2014), compreendendo que a formação profissional é um processo contínuo que se estende ao longo de toda a carreira, isso implica assumir a responsabilidade pela própria aprendizagem e buscar ativamente oportunidades de desenvolvimento e crescimento profissional.

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais. Desse ponto de vista, a formação profissional ocupa, em princípio, uma boa parte da carreira e os conhecimentos profissionais partilham com os conhecimentos científicos e técnicos a propriedade de serem revisáveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento (Tardif, 2014, p. 249).

O caso da professora Alice parece se corresponder com tal visão teórica da formação docente. Em sua autorreflexão, teria constatado que os conhecimentos profissionais necessitam estar em evolução constante, sobretudo buscando atualização para se sentir capaz de responder às novas demandas e novos desafios impostos ao seu fazer na medida das mudanças educacionais, sociais, culturais, políticas e tecnológicas. De fato, Tardif (2014)

destaca a importância da formação permanente como componente essencial do desenvolvimento profissional e da excelência na prática educativa.

No caso das professoras, cada uma seguiu caminhos de formação distintos, mas é importante destacar que sempre há algo novo a aprender e que as práticas educacionais podem ser continuamente aprimoradas com novas informações e reflexões críticas. Nesse sentido, comprehende-se que a formação acadêmica não representa o ponto final do aprendizado como docente de piano. É necessário buscar constantemente conhecimento e aprimoramento, e essa busca possibilita que as professoras sejam mais eficazes e relevantes para atender às necessidades dos alunos e às demandas do contexto educacional em mudança constante.

## 6.2 A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A experiência profissional das professoras com pessoas com deficiência foi marcada por desafios e dificuldades, principalmente devido à falta de conhecimentos específicos adquiridos durante a formação acadêmica. No entanto, ao longo do processo de ensino, essas barreiras foram superadas com determinação, criatividade e resiliência. A professora Valéria começou a atuar como professora de piano enquanto cursava a Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilidade em Música. Ela ministrou aulas de piano nos Conservatórios Estaduais de Música das cidades de Uberlândia-MG e Ituiutaba-MG. Na época em que estava na licenciatura, não ministrou aulas de piano para pessoa com deficiência. A professora Alice começou a ministrar aulas de piano depois que finalizou a Licenciatura em Educação Artística - Habilidade em Música, entretanto, diferentemente de Valéria, ela teve a oportunidade de vivenciar, nos estágios supervisionados da licenciatura, o ensino musical para pessoas com deficiência.

Após a licenciatura, as professoras disseram que participaram de alguns projetos oferecidos pelo Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. A professora Valéria disse que, em um desses projetos, ela pôde vivenciar o ensino de música para pessoas com deficiência, neste caso, com um grupo de alunos surdos, inclusive o mesmo projeto que a professora Alice participou

como estagiária. Os estudantes tocavam flauta doce sob a regência, em Libras, de uma colega de trabalho e a professora Valéria os acompanhava no piano. O projeto, contudo, não durou mais do que cinco anos.

Atualmente, a professora Valéria participa de um outro projeto, cujo objetivo é levar música para as escolas de educação básica da cidade de Ituiutaba-MG. Como os espaços correspondem às escolas de educação básica, as turmas são heterogêneas, com alunos típicos e atípicos. Toda semana são levadas atividades musicais para os alunos e, no final do ano, é realizada uma apresentação com todos os estudantes. A professora destacou ainda a sua participação no projeto “Música na APAE” (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ituiutaba-MG), que, para ela, proporcionou momentos de vivências, práticas e experiências musicais com diversas pessoas com deficiências. Esse projeto na APAE, uma parceira dos estudantes e professores da UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais) de Ituiutaba - MG e do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, de Ituiutaba - MG, oportuniza atividades educativo-artístico-musicais para os estudantes com deficiência da instituição.

Os encontros na APAE aconteciam mensalmente. Os responsáveis pelo projeto organizavam um grupo de alunos do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG que estavam tocando fluentemente, a ponto de fazerem uma apresentação musical com repertório de compositores eruditos, como Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Joseph Haydn, Cecília Cavalieri, Waldemar Henrique, Heitor Villa-Lobos e Oswaldo Lacerda. A professora descreveu como funcionavam os encontros.

Apresentavam alunos de canto, piano e violino. Uma professora parceira fazia, com caixas de papelão, a maria fumaça [o trem], cantávamos, e eles iam com essas caixinhas, parecendo uma maria fumaça. Não era ministrar aula com eles; íamos fazer uma apresentação musical, uma performance. Passava um trechinho, [dizíamos] “Vamos repetir esse trecho” ou “Vamos pegar essas clavas e fazer a pulsação”. Tinha momentos em que se pedia para fechar os olhos e “Vamos agora assoviar”, “O que vocês acham que parece? ”. Eram experimentos. A gente fazia experimentos de acordo com o repertório que a gente levava (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 4-5).

Refletindo sobre a participação da professora Valéria nesse projeto, é possível associá-la com a perspectiva de Tardif (2014), quando o autor ressalta que, ao reconhecer a complexidade e a diversidade dos saberes docentes, o saber da formação, o saber experiencial, cultural e pessoal são conhecimentos fundamentais para uma prática docente e desenvolvimento profissional. O autor ressalta que o saber da formação acadêmica é essencial para a base teórica e metodológica do professor. Além disso, o saber experiencial, que se desenvolve através da prática e da vivência cotidiana na sala de aula, oferece descobertas, práticas e adaptativas, que são essenciais para lidar com situações reais de ensino.

O saber cultural e pessoal, por sua vez, envolve a integração das experiências individuais, valores, crenças e contextos socioculturais dos docentes, enriquecendo a prática educativa com uma perspectiva mais ampla e humanizada. Esses três tipos de conhecimento são fundamentais para uma prática docente e para o desenvolvimento profissional contínuo, pois permitem que os professores adaptem as suas abordagens de ensino às necessidades específicas de seus alunos e ao contexto em que atuam.

A professora Valéria, nesse projeto, vivenciou momentos de articulação dos saberes (da formação, da experiência, da cultura e do pessoal) em prol de uma experiência de aprendizado para uma prática docente significativa, criativa e dinâmica. O projeto durou oito anos e, no início, foram muitos experimentos com a intenção de promover a interação do público com a música: “Nos últimos anos, já estava tranquilo! Qualquer atividade que propunha para eles, interagiam” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 5). Isso leva a considerar que o docente precisa estar aberto para refletir sobre a sua ação pedagógica, experimentar estratégias, metodologias e recursos. A professora Valéria comentou que sua experiência mais próxima de pessoas com deficiência foi no projeto na APAE, com seus momentos de aprendizagens e experiências. No entanto, ela reconhece que ainda é desafiador ensinar para esse público, sobretudo pelas particularidades e necessidades de cada caso.

A professora Alice, assim como Valéria, também participou do projeto “Música na APAE”. Ela comentou sobre a sua participação: “Eu auxiliava na vivência musical, na sonoridade e na pulsação para trabalhar a parte da

motricidade e do intelecto dos alunos" (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 6). A fala da professora Alice destaca a sua participação ativa no projeto da APAE e uma abordagem prática pedagógico-musical no intuito de compreender profundamente os benefícios da música na estimulação sensorial e cognitiva dos estudantes. Essa abordagem mostra um comprometimento com o ensino inclusivo e uma valorização das habilidades conforme as especificidades e particularidades de cada indivíduo.

Pelas falas das professoras, o projeto não era voltado para o ensino instrumental, e sim para uma apresentação musical com instrumentos diversificados, de modo a proporcionar interação e musicalização. Em tal ambiente, a professora Valéria, acompanhando as canções ao piano, teve o primeiro contato profissional mais próximo com uma pessoa que tem transtorno do espectro autista. Conforme ela relatou, um menino na faixa etária dos 7-8 anos se sentava ao lado dela ao piano em todo encontro.

O interesse dele era o piano; e acho que era também em mim. Eu dava muita atenção, deixava ele ficar tocando ali no agudo, enquanto eu tocava aqui [gestos como se estivesse no piano], os meninos cantando, e eu falava "Toca essas duas notinhas aqui" [apontou]. De qualquer jeito, eu colocava ele para tocar comigo, porque ele era tão fofo. E aí a gente foi criando laços (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023, p. 5).

A fala da professora desvela nuances importantes envolvidas no ensino de piano para pessoas com deficiência. Uma delas é a proximidade, ou seja, a aproximação: é preciso que a criança sinta de perto o instrumento, que toque com o tato e que o experimente. Mas a aproximação exige abertura, em sentido espacial até: um lugar no assento, uma parte do teclado. Outra nuance desvelada pelo trecho citado é a afetividade como traço marcante do ensino de piano conforme aqui se discute. A manifestação de encanto pela criança se explicita na locução adjetiva diminutiva e intensificada "tão fofo"; nessa expressão de sentimento, parece estar a origem dos laços que ligariam a professora e a criança em relações futuras.

Assim, embora com o fim do projeto na APAE, a criança autista continuou os seus estudos de piano com a professora Valéria no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. Em conversa entre a mãe da criança e a

professora, a mãe demonstrou o interesse em matricular o filho no Conservatório para estudar piano com ela.

Quando a gente se conheceu na APAE, eu disse: "Mãe, como eu posso ajudar o Heitor? Ele precisava de fonoaudiologia e de fisioterapia, estava no começo de tudo. E ela me pediu para que eu conseguisse uma vaga para ele no conservatório. Assim eu fiz, então é uma história e a gente é muito amiga agora. (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 9).

Essa fala da professora Valéria demonstra sua preocupação com as necessidades de Heitor e a sua busca por maneiras de contribuir com o desenvolvimento dele. A mãe percebeu que os momentos musicais com a professora estavam sendo benéficos para o seu filho e decidiu continuar com esse processo no conservatório, agora com aulas de piano. Ela confiou em Valéria, viu nela um apoio valioso e uma interlocutora com quem poderia partilhar os desafios e avanços do seu filho. Esse envolvimento resultou no fortalecimento de um vínculo de amizade entre eles.

Até aqui, acredita-se que as motivações e circunstâncias que separam uma professora da outra em seu ensino de piano para pessoas com deficiência são claras e diferentes. Contudo, convém destacar as respostas quando perguntadas se pensavam em ministrar aulas de piano para tal público, pois foram diferentes. Valéria respondeu que não passava pela sua cabeça ter essa experiência durante o curso de licenciatura; mas já se vão oito anos de ensino para o seu estudante oriundo do projeto da APAE. De fato, é a primeira experiência e será a única, a julgar pelo tempo de docência de piano no Conservatório Estadual de Música: 31 anos de carreira, o que a deixa perto da aposentadoria.

Diferentemente, a professora Alice pensava em lecionar aulas de piano para pessoas com deficiência e, seguramente, o fará por mais algum tempo, talvez para mais alunos. Ela ministra aulas de piano há 23 anos apenas no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG; destes, dedicou dez anos às aulas de piano para Jonas, aluno com paralisia cerebral - não por acaso, a sua primeira experiência docente. Ele iniciou os estudos de piano aos 14 anos de idade e hoje, com 24 anos de idade, cursa o ensino superior em Engenharia

da Computação, além de estudar piano. Além de Jonas, a professora Alice ministra aulas para três alunas com deficiência, duas com transtorno do espectro autista e uma com deficiência intelectual.

A falta de formação inicial específica para o ensino de piano destinado às pessoas com deficiência colocou as professoras diante de incertezas e desafios. No entanto, as oportunidades que essas professoras tiveram de vivenciar experiências musicais nos projetos musicais voltados às pessoas com deficiência foram fundamentais para que adquirissem habilidades pedagógico-musicais e uma compreensão das necessidades e especificidades de cada pessoa com deficiência. Além disso, essas práticas promoveram uma evolução pessoal e a necessidade de enfrentar essa realidade, impulsionando o crescimento profissional e pessoal das professoras. Enfrentar a realidade do ensino inclusivo exigiu que elas desenvolvessem uma sensibilidade maior, empatia e habilidades de comunicação e adaptação.

Esse processo de aprendizado e desenvolvimento contínuo está alinhado com a "competência profissional" refletida por Tardif (2014), que enfatiza a importância da experiência prática e da aprendizagem situada no desenvolvimento das competências dos professores. O autor argumenta que as competências profissionais não são adquiridas de uma vez por todas, mas se constroem ao longo do tempo, em função das situações que o profissional encontra em seu trabalho e das experiências que ele vive.

Dessa forma, a experiência na prática do ensino de piano para pessoas com deficiência não apenas preenche as lacunas deixadas pela formação inicial, mas também contribui para a construção contínua das competências necessárias a uma prática pedagógica reflexiva, crítica e inclusiva.

### 6.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICais DAS PROFESSORAS DE PIANO

Para conhecer as práticas pedagógico-musicais das duas professoras de piano com seus respectivos alunos com deficiência, as participantes foram questionadas se tiveram alguma orientação do Conservatório Estadual de Música quando esses alunos chegaram em suas salas de aula. As respostas foram as mesmas: nenhuma orientação. Para o Conservatório Estadual de

Música de Ituiutaba-MG, houve (e ainda há) uma demanda crescente de alunos com deficiência. Isso significou uma nova realidade desafiadora para toda a comunidade escolar. Segundo Santos, Carvalho e Lobato (2020), mesmo que os Conservatórios integrem a rede de ensino de educação básica e recebam a matrícula de alunos com deficiência, esses espaços não encontram respaldo na prática das políticas inclusivas para a adaptação curricular, capacitação de seus professores e oferta dos serviços de apoio especializados que possa garantir o atendimento educacional desses alunos.

Diante dessa realidade, a professora Alice comentou que procurou ajuda e orientações sobre a deficiência do seu aluno Jonas (paralisia cerebral) em uma escola de educação especial da cidade de Ituiutaba-MG:

Fui buscar material na Escola Estadual Risoleta, material sobre a legislação, até textos sobre a paralisia cerebral, para conhecer essa deficiência, porque eu não conhecia nada, assim como trabalhar, de que forma ajudar no desenvolvimento dele. Então, eu fui buscar, na equipe multidisciplinar da escola, que são: terapeuta ocupacional, fonoaudióloga e a fisioterapeuta. Foi um trabalho integrado e multidisciplinar (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.7).

A atitude de Alice demonstra sua preocupação com o seu fazer musical para que seja algo não só intuitivo e particular, mas com respaldo técnico-profissional, o que ajuda a situar sua docência em um campo comum à docência em geral: aquele em que outros profissionais dão suporte para lidar com questões tratadas por profissionais de outras áreas de atuação e que excedem a profissão do professor de piano, mas que estão implicadas no trabalho de ensinar. Tal atitude parece ser consequência da autorreflexão, que levou a uma certa consciência: a de não conhecer o universo do aluno, ou seja, de desconhecer a deficiência fora do ensino de piano.

Outra fonte de saberes para as duas professoras foram os pais. Com empenho e dedicação na oferta do ensino de piano para seus alunos com deficiência, as duas procuraram a família deles, e cada uma foi sempre parceira. Os pais não deram somente apoio, mas ainda orientações sobre limitações e particularidades de seus filhos. Igualmente, não criaram expectativas nem cobraram resultados.

Os pais não me cobram nada, são muito amigos, e eu vou buscando a melhoria e a qualidade de vida para eles. Os pais querem a qualidade de vida e que os filhos deles sejam aceitos (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.14).

Hora nenhuma me cobram. O que ele toca comigo, as melodias “simplesinha” e eu no acompanhamento, às vezes que eu consigo gravar, eu mando para a mãe, e ela fala: “Valéria, é ele?” [admirada]. Eu, professora, nem via ele tocando, ele dando recital, eu nunca almejei isso, até porque a mãe dele nunca me cobrou (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 9).

Mesmo que as expectativas não sejam criadas e nem estimuladas, o ensino de piano para esse público não impede a surpresa e a admiração. Assim, se há o desejo da família de que os filhos tenham, acima de tudo, qualidade de vida, exemplificada pelo desejo de aceitação, também há a satisfação com o que vai além da pretensão de tocar piano.

A professora Valéria sempre esteve em contato com a mãe do seu estudante. Elas compartilhavam *feedbacks* e conselhos para trabalhar com ele, que, no início, chorava muito nas aulas. Inclusive, a mãe sugeriu para a professora Valéria fazer um acordo didático com o seu filho: se ele não fizer o que ela pedir, ele não iria desenhar no final da aula, um momento que a criança gostava muito nas aulas de piano. A professora não concordou com o combinado.

Eu falei “Não!”. Como eu vou fazer isso? Forçar ele a fazer uma coisa de tanta concentração. Por que eu tenho que forçar para ele sair musicista? Às vezes essa não é a proposta. É só um momento de prazer. Ele gosta de estar comigo, [então] vamos fazer o momento ser prazeroso sem direcionar demais (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 7).

Para a professora Valéria, coube o exercício da reflexão sobre essa conversa. O mais provável é que a “negociação” faça parte da relação cotidiana dos pais com o Heitor, inclusive para a felicidade e satisfação dele. Se assim o for, é possível dizer que a mãe, bem-intencionada, disposta a ajudar e por conhecer as particularidades do filho, tenta transferir suas atitudes maternas para a lógica da relação entre ele e a professora. Nesse caso, Valéria

parece ter se valido de sua posição e sua convicção sobre se relacionar com Heitor, o que lhe permitiu compreender o aluno e as suas demandas no Conservatório, no seu ambiente musical.

A professora Valéria considera o jogo da recompensa praticado tal qual a sugestão materna, um sinal de pressão. O gosto pela música e pelo piano estavam sendo postos em segundo plano relativamente à atividade de desenho. Ela demonstra que pensa na afetividade como estratégia para estimular o seu aluno a aprender a tocar o piano. Dessa maneira, era preciso trabalhar com a satisfação e a empatia, acima de tudo, entre a professora e o estudante.

Diante disso, na visão da professora, a mãe de Heitor tinha a intenção de que Valéria fosse rígida com o seu filho, mas esta entendia que, se o estudante estava no Conservatório para estudar piano, então os momentos não teriam de ser de choro; teriam que ser de alegria. Então, a professora sempre preocupada em saber se o estudante estava gostando de ir às aulas de piano, em conversas com a mãe, ela respondia: “ele ama ir para o Conservatório e ama suas aulas, pode ficar tranquila” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 8). Sendo assim, a professora continuou a ministrar suas aulas da maneira que fazia e que ele sentia satisfação e entusiasmo.

A professora Valéria ressalta e reconhece que as crianças autistas, diagnóstico do Heitor, têm comportamentos imprevisíveis. De acordo com Asnis (2019), as crianças autistas apresentam grande variabilidade comportamental, tornando desafiador o trabalho com elas, pois não há um modo único e universal para planejar o ensino ou intervenções. Esse conhecimento foi importante para evitar autocobranças quanto à mudança de abordagem, os princípios e propósitos que guiam às práticas pedagógico-musicais da professora com Heitor, sobretudo, para ela ter resultados positivos.

No caso da professora Alice, pelo seu histórico pessoal, assegurou-lhe a percepção de que a família é central à aprendizagem de piano, seja como defesa, seja como apoio. Sua recordação é viva sobre a força com a qual contou para não parar as aulas de piano. Não por acaso, ela comentou que sempre teve contato e conversas com pais de estudantes com deficiência.

Eu tenho muito apoio, porque o que eu fiz e sempre faço é uma pesquisa com os pais. O primeiro foi através do Jonas e depois foi pela outra aluna, que para conhecer a atipicidade eu busquei seus pais. Eles foram para a aula, assistiram e me orientavam como trabalhar com ela (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.13).

Diante da ação da professora Alice em relação aos pais, que acompanham e auxiliam nas aulas de piano, ela reforça o argumento de que a família é uma fonte de saberes para o exercício da docência. Louro (2015, p. 46), por exemplo, destaca a ação familiar como sempre influente no processo escolar de todo e qualquer estudante. No caso de pessoas com deficiência, tal influência se faz consideravelmente maior, a ponto de afetar tanto o sucesso quanto o fracasso do processo. Demandam mais apoio físico e assistência emocional de seus responsáveis, e por variadas razões: da fisiologia da deficiência (singularidades e fatores associados) a uma percepção histórico-social que frequentemente adota uma postura protetora e assistencialista em relação a essas pessoas.

Assim, “a família é a grande ponte entre a escola e a criança e a principal incentivadora no processo inclusivo, se conseguir trabalhar em parceria com a escola” (Louro, 2015, p.47). Segundo a autora, essa colaboração mútua entre família e a escola é uma parceria fundamental para criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde a criança possa desenvolver suas habilidades sem enfrentar grandes desafios e dificuldades coerentes com cada perfil de conhecimento, capacidade, habilidade, predisposição e potencial.

Conforme a compreensão da importância do apoio e da parceria dos pais, as professoras comentaram sobre os desafios enfrentados nas práticas pedagógico-musicais de piano com seus estudantes com deficiência.

Em princípio, o maior desafio foi seguir uma metodologia. Cada aula era um tipo de aula, eu esperava dele [aluno] primeiro, o que ele trazia para mim, e a partir daí eu falava: “Vamos fazer agora curto, agora vamos fazer longo, nós vamos cantar grave e depois vamos cantar agudo. Agora você toca no agudo e eu vou tocar no grave” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 8).

Há falta de material pedagógico, principalmente para nós da educação musical. A rede de educação básica possui, tem professores de apoio preparados, e nós não temos. Então

somos nós e o aluno. Eu considero a maior dificuldade e uma barreira para mim. Então, não ter o professor de apoio e também a falta de material (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.8).

As duas professoras enfrentaram dificuldades metodológicas, porém com visões diferentes. Para Valéria, a dificuldade foi aplicar uma metodologia ante o desafio que impõe cada deficiência; a solução foi partir das demandas de cada aluno para introduzir conteúdos específicos, com uma prática que experimenta estratégias para ministrar as aulas de piano e criar a sua metodologia com e para o aluno. Para Alice, diante dos conhecimentos que adquiriu na sua formação em Pedagogia, ela considera como dificuldades as seguintes: a falta de recursos (materiais) voltados à educação musical para pessoas com deficiência; e não ter um suporte, professor de apoio, como se vê nas escolas de educação básica.

Mesmo diante dos desafios e dificuldades, as professoras de piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG construíram suas práticas pedagógico-musicais para ministrar suas aulas às pessoas com deficiência. Elas foram perguntadas em quais ciclos de aprendizagem os estudantes estavam matriculados no curso de piano na instituição. Então, a professora Valéria respondeu que o aluno Heitor está no 3º ano do ciclo complementar, mas ressalta que, "analisando as metas que cada aluno tem que alcançar, ao final de cada ciclo, no planejamento anual de curso de piano, ele ainda está no ciclo inicial e ainda não consegue avançar para o ciclo intermediário" (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.10). O aluno está há dois anos repetindo o mesmo ano, inclusive esse é o último ano do ciclo da educação musical em que o próximo ciclo é o curso técnico profissionalizante. Isso demonstra que o aluno, diante das suas particularidades e especificidades, ainda não consegue avançar para o ciclo seguinte.

Da mesma maneira, a professora Alice respondeu que o aluno Jonas também está no ciclo complementar e que ainda não consegue realizar todo o programa de ensino proposto pelo planejamento anual do curso de piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG para esse ciclo. As outras alunas estão no primeiro ano do estudo de piano e já iniciaram no ciclo intermediário. A falta de progressão nos ciclos expressada pelas professoras

revela como os alunos não conseguem acompanhar o planejamento do curso de piano proposto pelo Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.

Questionadas se acompanham o planejamento anual do curso de piano do Conservatório Estadual de Música, as professoras foram enfáticas:

Não. Eu estou usando outros métodos com esses alunos, que são: Amigos do Piano, Leila Fletcher, comecei com ciranda dos dez dedinhos, com Lessons e o Piano Pérolas. (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.13).

Não. É tudo aleatório rsrsrs. Não sigo nadinha com ele do planejamento. Eu nunca fui ligado a isso, até mesmo com aluno típico, eu sigo o programa que tem que fazer, mas se for além ou se não está no nível, eu volto para trás ou passo para frente, nunca tive problema com isso. Você sente no primeiro mês se o aluno vai, se ele vai ter dificuldade (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 11-12).

Refletindo sobre as falas das professoras, elas experimentam com seus alunos com deficiência, de maneira livre e flexível, todos os métodos de piano que conhecem para ministrar aulas de piano e analisam quais se adequam ao processo de aprendizagem de cada um. Segundo Ockelford (2013),

Enquanto não há nenhum método para educação musical apropriado para todas as crianças autistas musicalmente talentosas, é possível identificar métodos e estratégias que alcancem muito sucesso em relação a este grupo como um todo. O ponto chave para se ter em mente é que todas essas crianças, não importa o quanto talentoso ou deficientes, ou quanto extrema é a disparidade entre ambas, se beneficiarão de uma educação sistemática e sustentada (p. 258, tradução nossa<sup>5</sup>).

Isso significa que, independentemente do nível de talento ou das limitações das crianças, uma abordagem estruturada e contínua na educação musical pode trazer benefícios significativos. A educação sistemática oferece uma base consistente e organizada, que pode ajudar a desenvolver habilidades

<sup>5</sup> No original: *While there is no one approach to music education that is suitable for all musically talented autistic children, it is possible to identify approaches and strategies that have met with a broad range of success in relation to this group as a whole. The key point to bear in mind is that all such children, no matter how talented or disabled, or how extreme the disparity between the two, will benefit from systematic and sustained educational input* (Ockelford, 2013, p.258).

musicais e, enquanto sustentada, garante que o progresso seja mantido e ampliado ao longo do tempo. Isso reflete uma visão holística e individualizada da educação, reconhecendo que cada criança pode progredir e se beneficiar com o apoio adequado.

Diante disso, as professoras foram perguntadas quais são os métodos que elas utilizam para ministrar aulas de piano às pessoas com deficiência desde o início da sua trajetória profissional.

Iniciei usando os métodos da flauta doce, depois eu fui conhecendo outros materiais. Participei da ABEM, do encontro mineiro de educação musical em Três corações, aí lá eu conheci outros métodos, que são: o Piano Lessons e o James Bastien, tanto que trouxemos para o piano essas novas coletâneas. Conheci na Pandemia do COVID-19, o método Amigos do Piano - Piano Pérolas, da Carla Reis e Liliana Botelho, que eu fiquei apaixonada e utilizei no processo do ensino de piano para as crianças atípicas. (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.9).

O método *The Music Tree*, foi maravilhoso! Tem aquela noção de subida e descida, de curto e longo que é o “basicão”, foi super bem. James Bastien também, tem a noção de subir e descer e introduz na leitura de notas e aí o Meu piano é divertido que a muitos anos eu não usava, eu lembrei dele, ele é bom, ele é grande, ele dá para entender muito bem, tem um acompanhamento legal. Então, eu fui buscar lá atrás esses métodos que a gente usava e que nem está usando mais, como o método Ciranda dos dez dedinhos. (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 9).

As professoras citaram diversos métodos para trabalhar com alunos com deficiência. Dessa maneira, as professoras foram perguntadas como utilizam os variados métodos no processo do ensino de piano.

Precisei modificar o conteúdo, porque vai de aluno para aluno, a questão das respostas, cada aluno é um. De acordo com o que ele respondia, eu ia seguindo ele, porque a gente monta um plano, mas às vezes o aluno não vai responder e o outro responde muito bem (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.11).

Sempre foi preciso modificar o conteúdo, sempre pela receptividade dele, então sempre eu vou mudando. Chega num método que vai dificultando, eu sei que ele não vai atingir o objetivo, não vai ter retorno e o entendimento, eu já passo para outro. Os métodos que tem canções com acompanhamentos

bem bonitinhos, que chama a atenção, eu pego também (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p. 10).

Pelas falas, o processo do ensino de piano empreendido pelas professoras para pessoas com deficiência caracteriza-se pelo dinamismo que acontece conforme o aluno demonstra suas capacidades e interesses. Esse processo de ensino demonstra que as professoras consideram as particularidades do aluno e tentam proporcionar um ambiente de aprendizado mais motivador e produtivo. Desse modo, o professor, atento às necessidades e progressos individuais de cada estudante, adapta as suas aulas de forma flexível, incorporando diferentes métodos e abordagens pedagógicas.

No entanto, quando questionadas se realizam alguma adaptação pedagógico-musical dos métodos, incluindo as partituras, e de todo o material didático utilizado com seus alunos, a professora Valéria disse que não realiza adaptações pedagógico-musical dos métodos e ressalta: "Ele (Heitor) acompanha o método do jeito que ele está lá. Está lendo com a partitura dos nossos métodos" (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.12). Diferente da professora Valéria, a professora Alice disse que necessitou realizar adaptações para uma estudante com deficiência específica, mas igualmente à professora Valéria, ela também utiliza alguns métodos da forma original. Sobre isso, ela comenta:

Eu fui adaptando de acordo com os métodos que a gente conhece para o ensino de piano. No caso da minha aluna que tem Discalculia eu tive que adaptar para os números espelhados para que ela pudesse identificar e executar. Eu uso os métodos que já te disse e eles tem dado muito resultado (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.12).

As falas das professoras revelam como elas constroem suas práticas pedagógico-musicais para pessoas com deficiência. A professora Valéria realiza adaptações na sua forma de ensinar e nas suas estratégias de ensino. Pela sua experiência somente com um estudante com deficiência, ela adotou essas adaptações de ensino que perduram há mais de cinco anos. A professora Alice, ao lidar com a realidade de ter mais estudantes com deficiência, sentiu necessidade de implementar algumas adaptações em suas

estratégias de ensino e material didático. Uma dessas adaptações foi a criação de números espelhados para os dedilhados nas partituras, uma maneira que facilita o entendimento e a realização das peças musicais por parte de sua estudante. Essa estratégia específica não facilitou apenas o aprendizado dos dedilhados, mas também tornou o processo de ensino mais acessível e inclusivo.

Diante do exposto, percebe-se que, desde o início, as professoras necessitaram adaptar as suas práticas pedagógico-musicais, seja em relação aos métodos de ensino, seja na maneira de ministrar as aulas de piano. Valéria comenta como foi o início das aulas de piano com Heitor:

Ele [Heitor] chegava e dizia: Tia Valéria, eu quero cantar a música de uma história. Eu logo dizia: Então, vamos pegar essa música que você acabou de cantar, e tocar aqui, onde você tocou é a região média, vamos aprender onde é o agudo, o agudo é aqui (Apontou no piano) então você vai fazer tudo de novo na região aguda e eu vou fazer um acompanhamento aqui, no grave do piano. Eu fico criando estratégias e experimentando. Esses mínimos “detalhezzinhos” que vai aprendendo, entrando na cabeça, eu já supervalorizava (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.7).

A fala da professora demonstra uma abordagem voltada para o seu estudante. Quando Heitor expressa seu desejo de cantar a música de uma história, Valéria não só atende ao pedido dele, mas também aproveita a oportunidade para ensinar conceitos musicais de forma prática e engajadora. Ao indicar as diferentes regiões do piano (grave, médio e agudo), ela cria uma estratégia para que Heitor comprehenda e internalize esses conceitos através da experiência prática. Ela reconhece e celebra cada progresso, por menor que seja.

Heitor era uma criança que gostava de desenhar, então, a professora Valéria usou esse gosto como estratégia de ensino para ele interagir com as aulas de piano. Vivenciavam momentos de cantar e tocar a música que ele gostava, e, ainda no final da aula, desenhava.

Como ele assistia muito desenho, eu comecei a ter nas aulas de piano, aquarela (tintas), lápis de cor, giz de cera, caderno, aparelho de som e CDs do grupo palavra cantada, do tiquequê

e músicas infantis. E quando ele escutava, ao mesmo tempo ele desenhava. Tinha essa parte de apreciação musical e desenho. Então eu mesclei muitas coisas (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.8).

Além disso, a professora Valéria comentou que não fazia a apreciação musical somente com CD e que, diversas vezes, tocava no piano músicas de Cláudio Santoro para ele apreciar e desenhar. Heitor também gostava muito de ouvi-la tocar. Esses momentos aconteciam sempre no final do horário. A professora percebia que o estudante começava a respirar fundo e pedia para ir tomar água. Ela sempre o acompanhava: “Ele cansava de ficar tocando o piano, era de 20 minutos a 30 minutos. Então agora a gente vai escutar música, está aqui as tintas, o caderno de desenho e tudo o que você quiser para colorir” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.9). A professora conduzia suas aulas conforme as necessidades do seu aluno no dia.

Dessa maneira, destaca-se a afirmação de Ockelford (2013): “se existe uma regra de ouro para se trabalhar com crianças com autismo, é que não há nenhuma regra de ouro!” (p.245, tradução nossa<sup>6</sup>). O autor afirma que a maioria das crianças com transtorno do espectro autista tem suas habilidades, necessidades, propensões, motivações e gostos. Isso significa a importância de adotar uma abordagem personalizada e centrada no estudante. Identificar e enfatizar suas habilidades e interesses pode levar a um desenvolvimento mais eficaz e a um maior engajamento nas aulas de piano.

A professora Valéria também sempre conversa com o seu estudante sobre seu aprendizado e suas dificuldades: “Heitor, você está entendendo? Ele fala mais ou menos. Onde você acha que está tendo dificuldade? Não sei te falar. Então é assim, não tem uma coisa que flui, eu vou experimentando” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.8). Essa fala ressalta o entendimento de Ockelford (2013) sobre compreender o seu estudante no processo de ensino:

<sup>6</sup> No original: *If there is one golden rules in working with children with autism, it is that there are no golden rules!* (Ockelford, 2013, p.245).

Abra seus ouvidos e seus olhos para o que quer que as crianças façam, seja explorando ou tocando o instrumento que elas tenham escolhido (ou que lhes tenha sido apresentado), ou vocalizando, ou se movendo. Pode até parecer que elas não estejam fazendo nada ou que aparentemente seu comportamento seja aleatório, mas eu estou convencido de que tudo que uma criança faz, ou não consegue fazer, ocorre ou não ocorre por algum motivo. O desafio, claro, é tentar entender que motivo é este (p.245, tradução nossa<sup>7</sup>).

A professora Valéria utilizou com Heitor a estratégia da imitação, principalmente no início, quando o estudante não queria seguir nenhum método. Contudo, ela ressalta que sempre respeitava e compreendia o limite de Heitor quanto à vontade de parar ou mudar de atividade.

Às vezes eu faço por imitação, se ele não conseguir ler as partituras, então eu tento fazer por imitação. Algumas vezes ele não tem nem a paciência de querer aprender. Desisto e vou para outra coisa (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.12).

A professora Alice comenta que iniciou suas aulas de piano com Jonas realizando adaptações na sua prática pedagógico-musical e utilizando estratégias de ensino conforme as limitações do seu estudante.

O planejamento anual do curso eu deixei de lado, eu tive que adaptar e criar um programa para ele (Jonas). Com cada resposta que eu tenho, aí eu vejo se eu posso aumentar um degrau de desenvolvimento, porque igual o Jonas, ele inicialmente eu comecei com um dedo, primeiro eu procurei trabalhar pulso, dar a ele localização e pulso. Primeiro foi isso, trabalhar a localização das notas no instrumento e pulso. Tem três anos que eu estou trabalhando com ele a leitura. (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p12.).

Essa fala ilustra a flexibilidade e a dedicação necessária ao ensino de piano para uma pessoa com necessidades específicas, no caso, Jonas. Alice abandonou o planejamento anual tradicional do curso para criar um programa

<sup>7</sup> No original: *Open your ears (and your eyes) to whatever children do whether exploring or playing the instrument that they have chosen (or have been presented with), or vocalising, or moving. They may even seem to do nothing at all or they may engage in apparently random behaviours, but I am convinced that everything a child does (or fails to do) occurs (or fails to occur) for a reason. The challenge, of course, is trying to fathom what that reason might be* (Ockelford, 2013, p.245).

de forma livre e flexível, que atendesse melhor às necessidades e ao ritmo de aprendizado do estudante. A professora, desde o início, demonstrou interesse em ministrar suas aulas voltadas ao instrumento piano. O objetivo dela sempre foi ensiná-lo a tocar.

Diante das severas limitações motoras de Jonas, a professora buscou auxílio e orientações de uma equipe multiprofissional, como terapeuta ocupacional e fonoaudióloga, profissionais que acompanhavam Jonas em outra escola. Ela conheceu recursos fisioterápicos que contribuíram para o ensino de piano e, consecutivamente, para o desenvolvimento global de seu estudante.

Então eu fui conhecendo os BULBOS, o que são os BULBOS? São rolos de espuma, recurso fisioterápico, que você trabalha para alongar a musculatura, tanto mão quanto cervical. Quem tem paralisia cerebral tem muitos espasmos musculares, que são os tremores. O rolo é para ajudar amenizar. Então, eu fui conhecendo e buscando juntamente com a mãe dele. Ele usou uma tala, essa tala ele mandou fazer, ela é colocada para firmar a mão no piano, segura a mão dele e ela firma para que ele possa tocar. Essa tala ele usava também na Escola Risoleta, para escrever e para fazer as atividades (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.7-8).

A busca da professora resultou em conhecimentos práticos sobre ministrar aulas de piano para o estudante com paralisia cerebral, destacando a importância dos recursos fisioterápicos, do suporte familiar e das adaptações personalizadas, como as estratégias de ensino de piano para Jonas. O esforço das adaptações para incluir a pessoa com paralisia cerebral em atividades como tocar piano promove a participação ativa e fortalece o senso de pertencimento e autonomia do estudante. Alice ressaltou a evolução de Jonas diante das suas limitações e a sua persistência ao buscar informações e utilizar outros recursos e estratégias.

Foram seis meses de muita pesquisa, de muita leitura e até hoje eu adapto livros e materiais com ele [Jonas], porque por exemplo, até hoje eu consegui soltar somente três dedos da mão dele. Todos os dedos dele são curvados, musculatura muito rígida. Um detalhe, a tala dele quebrou, então assim eu fui buscando outras estratégias também por conta disso, que aí surgiu os bulbos, para ajudar a soltar e alongar os dedos. Foi assim, várias estratégias (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.9).

As adaptações pedagógico-musicais da professora Alice, nessa fala, refletem a perspectiva de Tardif (2014) sobre os professores utilizarem diferentes conhecimentos conforme as demandas e os recursos do trabalho. O saber docente serve ao trabalho e as suas relações com ele não são apenas cognitivas, mas também práticas, guiadas pelas necessidades de solucionar situações cotidianas. Então, os professores não apenas possuem e utilizam diversos saberes, mas esses saberes são direcionados pelas exigências e recursos específicos do ambiente de trabalho. A relação dos professores com o conhecimento vai além do entendimento teórico, pois envolve uma dimensão prática em que os princípios adquiridos são usados para enfrentar e resolver situações diárias.

Sobre isso, a professora Alice comentou que está ministrando aulas de piano para outros estudantes com deficiência. Além de Jonas, ela iniciou aulas de piano no ano de 2023 com duas estudantes: a primeira com laudo de Discalculia e a segunda com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ela relatou acerca de suas estratégias de ensino para essas estudantes diante das particularidades e especificidades de cada uma.

Eu trabalho o básico, porque a aluna autista tem muita limitação, mão muito rígida, assim como a do Jonas. A aluna que tem Discalculia me pegou despreparada, porque ela vê espelhado, então agora eu trabalhar dedilhado com ela foi um desafio. Pedia para ela desenhar para mim como ela via os números. Aí eu peguei e fui construindo o dedilhado, eu mesmo levei espelhado para ela os números para que ela conseguisse ler e tocar. Mesmo assim, ela já não é tão desafiadora como as limitações do Jonas e da aluna autista que são bem severas as limitações (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.12).

Ela ainda acrescenta que:

Pela experiência do Jonas foi um pouco mais fácil, mas mesmo assim desafiador. Eu sou muito aberta, mas não posso falar para você que foi fácil. Ensinar minha aluna autista a tocar foi muito difícil, o que passar para ela, porque ela tem mais limitações do que o Jonas, bem mais limitações. Todo o processo que eu comecei com o Jonas eu comecei com ela, eu trouxe os toquinhas. Hoje ela consegue identificar o longo, o

curto e a nota dó no piano (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.15).

Os desafios são destacados pela professora Alice, mas isso demonstra meios de experiências e crescimento profissional e pessoal. Diante disso, mesmo diante das adversidades de ministrar aulas de piano para diferentes pessoas com deficiência, ela construiu suas práticas pedagógico-musicais e estratégias de ensino para esse público conforme as suas particularidades e especificidades. A professora Alice disse:

Primeiro vou na improvisação, agora só nas pretas, aí mostrei as duas pretas, depois só nas brancas, então comecei com o modelo (T)EC(L)A<sup>8</sup>. Eu fui pegando a abordagem do Swanwick, que é o modelo (T)EC(L)A e fui trazendo para a sala de aula. Da improvisação eu passei para a leitura. Eu introduzo uma nota, o dó e ali vou trabalhando os diferentes locais do dó, que é o que eu te falei, passo para conhecer o instrumento e localizações. Depois eu vou para a leitura de notas. Com ele (Jonas) eu vou mais lento, da forma que ele for caminhando (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.12).

No estudo de Neves (2019), a autora destaca que a metodologia predominante no ensino de piano é a tradicional, com foco no repertório de leitura (ideia central), técnica e leitura à primeira vista. Contudo, Alice utilizou no início de suas aulas de piano o modelo C(L)A(S)P<sup>9</sup>, elaborado por Keith Swanwick (1979), uma formulação teórica sobre o ensino-aprendizagem musical. Ela usou como estratégia de ensino proporcionar ao seu estudante momentos de interação com o instrumento musical - piano. Assim, o estudante inicia seus estudos explorando todo o piano e estimulando, com isso, a improvisação, a criação e a audição. Consecutivamente, a professora começa

<sup>8</sup> O Modelo TECLA é a tradução do modelo CLASP. França e Swanwick (2002, p. 18) criticam o uso da sigla TECLA e recomendam a manutenção de CLASP. Composição, apreciação e performance são os pilares do fazer musical ativo, e por isso estão distribuídos simetricamente na sigla C(L)A(S)P. Porém, na tradução do modelo (T)EC(L)A, a técnica aparece à frente das outras modalidades e não tem sido mais usado devido ao desequilíbrio na interação das habilidades: - C(L)A(S)P - (T)EC(L)A.

<sup>9</sup> O modelo C(L)A(S)P apresenta 05 princípios gerais que orientam um trabalho visando o desenvolvimento musical integrado. São eles: C – *Composition* – criação de uma ideia musical, fazer um objeto musical; (L) – *Literature Studies* – estudos acadêmicos de, e sobre música; A – *Audition* – resposta auditiva; (S) – *Skill Acquisition* – auditiva, instrumental, notacional; P – *Performance* – comunicação da música como presença (Neves, 2019, p.37-38).

a perceber as limitações, particularidades e potencialidades do estudante, e inicia a introdução da leitura de notas conforme seu processo de aprendizado.

Diferente da professora Alice, a professora Valéria teve somente a experiência com Heitor, então ela construiu sua prática pedagógico-musical voltada somente para ele. No início, ela conta que foi muito desafiador direcionar as aulas de piano para Heitor, pois “ele nem queria saber de método, tanto que era só da cabeça dele, era CD e as histórias dele” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.11). Por isso, a professora abandonou todos os métodos de ensino tradicional, priorizando a flexibilidade e a personalização conforme a especificidade do seu estudante.

Nos últimos anos, Heitor começou a aceitar o uso de métodos de piano para aprender a tocar o instrumento, o que o fez ler as partituras e tocar. A professora utiliza vários métodos de iniciação ao piano, como: James Bastien, Meu piano é divertido, Leila Fletcher e Ciranda dos dez dedinhos. Assim, à medida que a dificuldade aumenta, ela troca de método. Novamente, agora nessa etapa de ensino, a professora segue conduzindo suas práticas pedagógico-musicais para o seu estudante de maneira específica e inclusiva.

A professora Alice comentou que o uso de métodos era livre e flexível. Como seu aluno (Jonas) tem dificuldade em manter as mãos abertas e os dedos são rígidos, ela percebia que seria desafiador encontrar um método, então, ela foi descobrindo com ele quais métodos dariam certo. Usou, no início, a estratégia do movimento da pinça e foi aos poucos trabalhando a abertura das mãos e dos dedos.

Eu uso os métodos: Leila Fletcher Piano Course, Ciranda dos dez dedinhos, Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves e Ludus Brasilienses. Fui trabalhando a questão da mão com ele também, porque eu fui vendo que ele não abria a mão, no início o desafio era o abrir a mão. Então eu fui trabalhando com ele com uma nota, ele foi tocando, então eu usei o método A Dose do Dia com ele, notas repetidas, Leila Fletcher, que ele trabalha (dó, ré, mi) inicialmente, e na mão esquerda (dó, si, lá), fui utilizando também o Piano Lesson, o James Bastien e o Amigos do Piano. Eu vi que funcionava e fui utilizando esses métodos. Com o método do Ludus brasiliensis eu consegui fazer uma peça com que ele que fizesse o movimento da passagem de dedo. Foi um desafio, eu nunca imaginei e fiquei muito feliz que ao final do ano de 2022 ele conseguiu. Foi a primeira obra que ele tocou sozinho, antes nós fizemos várias

peças quatro mãos, para ele adaptar tocando comigo. Tinha o momento que eu trabalhava as peças solo com ele, mas fizemos muito quatro mãos, porque eu acho que ajudou muito na questão de manter a pulsação (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.10).

De forma similar à professora Valéria, a professora Alice adotou uma abordagem diversificada e personalizada nas suas práticas pedagógico-musicais, utilizando uma variedade de métodos de ensino de piano. As estratégias de ensino utilizadas pela professora são: trabalhar notas repetidas, mão direita e mão esquerda, peças solos e peças quatro mãos, as quais foram acompanhadas por métodos que a professora conhece e direcionadas conforme as necessidades do estudante.

A dedicação com afinco da professora diante da limitação motora (as mãos de Jonas) possibilitou um avanço técnico e uma progressão significativa com a conquista da passagem de dedos do estudante ao piano ao tocar a peça 3 “Sons e ruídos”, do método Ludus Brasilienses – volume 1 (Figura 1). Isso nos leva a refletir sobre a importância de reconhecer, valorizar e acreditar na capacidade do desenvolvimento gradativo da pessoa com deficiência no processo do ensino de piano.

Figura 1 – Partitura da peça 3 “Sons e ruídos” - Ludus Brasilienses v.1

3\*\*) sons e ruídos

$\text{♩} = 72$

m.d. • mão direita  
teclas pretas

m.e. • mão esquerda

Ped. até o fim da peça

\* as figuras (X) significam: bater com os nós dos dedos na caixa do piano

Fonte: fotografia de Fernanda do arquivo da biblioteca do CEM de Ituiutaba.

A incapacidade inicial de Jonas exigiu que a professora desenvolvesse estratégias para trabalhar a motricidade de suas mãos. Alice, além de adaptar as suas práticas pedagógicas, recorreu a materiais didáticos de outros instrumentos musicais e, também, à construção de alguns recursos pedagógicos.

Foi na experiência e experimentando. Tudo foi busca, aí eu fui buscar no ensino de flauta doce, que tem muito material pedagógico. Como eu fazia curso de técnico em flauta doce, eu fiz o curso da Yamaha e conheci um método muito pedagógico e muito lúdico. Eu fui para o lúdico, para a construção de materiais, construí toquinhas, meu pai construiu toquinhas para trabalhar ritmo com ele, para melhorar a visualização, porque para os alunos especiais tudo tem que ser concreto, muito material concreto. O Jonas me ensinou muito sobre o uso do concreto. Estratégia que usei e funcionou (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.8).

A professora ressalta a experimentação como estratégia de ensino para a pessoa com deficiência. A professora Alice, através da experiência e da busca por métodos pedagógicos lúdicos, foi capaz de desenvolver estratégias específicas para tornar o ensino mais acessível e eficaz ao seu estudante. A referência ao ensino de flauta doce e ao curso da Yamaha indica que a professora buscou inspiração em áreas diferentes do piano para enriquecer a sua abordagem pedagógica.

O uso de materiais concretos, como os "toquinhas" construídos, "os pompons coloridos, a centopeia, borboleta (objetos de pelúcia) e as bolas para trabalhar a parte técnica da postura da mão" (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.13), demonstra um compromisso em buscar continuamente formas de melhorar as suas práticas pedagógico-musicais, integrando diferentes abordagens e ferramentas para atender às necessidades específicas de seus estudantes.

Quando as professoras foram perguntadas sobre o que consideram fundamental para ministrar aulas de piano às pessoas com deficiência, a professora Alice respondeu:

Eu vou te dar três coisas que para mim são básicas: o trabalho da psicomotricidade, que é do movimento, outra a leitura, que minha professora de piano da Licenciatura sempre comentou

que o aluno para ser completo, ser um pianista, ele tem que ter a leitura e a audição. A outra é a técnica, então essas coisas são primordiais para o ensino de piano. O trabalho da leitura, a técnica que é o movimento, a memorização que é o estímulo da memória e a audição (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 10).

Diante da fala da professora Alice, é possível perceber como os ensinamentos na sua formação pianística estão refletidas em suas práticas pedagógico-musicais no ensino de piano para pessoas com deficiência. Ela comenta sobre as três coisas básicas para se tornar um pianista e, na sequência, lembra da fala de sua professora de piano: “o aluno para ser completo, ser um pianista, ele tem que ter a leitura ênfase na leitura e a audição”. Essa fala se aproxima do modelo conservatorial<sup>10</sup> de ensino de música. Neves explica que “esse modelo, reconhecido e legitimado como ideal, foi adotado no Brasil a partir de meados do século XIX, seguindo o modelo europeu” (Neves, 2019, p.34). A autora ainda destaca que “[...] é possível afirmar que somos herdeiros diretos do modelo conservatorial”. Dessa forma, a professora Alice demonstra que esse modelo ficou marcado e que possui traços que perduram nos dias atuais, nos discursos e nas práticas pedagógico-musicais do ensino de piano para pessoas com deficiência.

A professora Valéria respondeu o que ela considera fundamental para ministrar aulas de piano às pessoas com deficiência:

Fundamental (parou para pensar) eu acho que é estar aberto, você estar aberto, você ter paciência, e ele fazendo uma leitura mais simples, que seja no tempo, no ritmo, ele entender o que

<sup>10</sup> Pereira apresenta características do modelo conservatorial de ensino: “o ensino aos moldes do ofício medieval; - o professor entendido, portanto, como mestre de ofício, exímio conhecedor de sua arte; - o músico professor como objetivo final do processo educativo (artista que, por dominar a prática de sua arte, torna-se o mais indicado para ensiná-la); - o individualismo no processo de ensino: princípio da aula individual com toda a progressão do conhecimento, técnica ou teórica, girando em torno da condição individual; - a existência de um programa fixo de estudos, exercícios e peças (orientados do simples para o complexo) considerados de aprendizado obrigatório, estabelecidos como meta a ser alcançada; - o poder concentrado nas mãos do professor – apesar da distribuição dos conteúdos do programa se dar de acordo com o desenvolvimento individual do aluno, quem decide sobre este desenvolvimento individual é o professor; - a música erudita ocidental como conhecimento oficial; a supremacia absoluta da música notada – abstração musical; - a primazia da performance (prática instrumental/vocal); - o desenvolvimento técnico voltado para o domínio instrumental/vocal com vistas ao virtuosismo; a subordinação das matérias teóricas em função da prática; - o forte caráter seletivo dos estudantes, baseado no dogma do “talento inato”” (Pereira, 2014, p.93-94)

ele está fazendo, tipo, eu falo: você sabe onde que você está? Ele me mostra. Vamos tocar de olho fechado? Esse entendimento mais básico possível para mim já é o suficiente, mais importante (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.10).

A professora Valéria, assim como a professora Alice, reconhece a importância da leitura de partituras, mas, pela sua fala, ressalta que, no contexto do ensino de piano para pessoas com deficiência, é fundamental valorizar cada pequeno progresso alcançado pelo estudante, sempre respeitando suas limitações e particularidades. Dessa forma, ela considera que tudo o que aprendeu durante a sua formação lhe deu subsídios para proporcionar momentos musicais no ensino de piano, seja através da experimentação, exploração e vivência naquele ambiente musical, seja tocando ou não o piano e lendo partituras ou não. Ela acredita na adaptação das estratégias de ensino, especialmente para o ensino de pessoas com deficiência, pois reconhece que a musicalidade pode se expressar de várias maneiras e que o processo de aprendizagem deve ser flexível o suficiente para acomodar diferentes habilidades, interesses e formas de expressão. Assim, a visão da professora Valéria contrasta com a ideia de que para ser um "pianista completo" deve-se, necessariamente, desenvolver somente as habilidades tradicionais. Então, cada conquista, por menor que pareça, representa um progresso significativo no desenvolvimento do estudante. Essa abordagem é importante para promover um ambiente de aprendizado acolhedor, onde o estudante se sinta valorizado e motivado a continuar avançando.

As professoras foram questionadas como avaliam a evolução dos estudantes com deficiência no ensino de piano. As professoras apresentaram visões complementares sobre o assunto.

Eu trabalho o ensino do piano para o desenvolvimento humano do aluno, porque eu sei que muitas coisas ali ele não vai dar conta, o que ele conseguir fazer para mim é lucro. Então, cada degrau que ele avança é lindo. Se ele tocar três notas, é lindo! Ele está tocando. O Jonas, por exemplo, que tem paralisia cerebral, ele tocar uma peça, que faz passagem de dedos, inverte as mãos, para mim já está no lucro. Se você ver ele fazendo ritmo sincopado. Já são 10 anos de aulas de piano. Eu acompanhando ele, vendo cada vitória, vencendo cada obstáculo, vence um, eu posso passar para outro, ele venceu

esse, eu posso subir mais esse degrau. Agora eu já comecei a ler duas pautas com ele, trabalhei uma a mão, a mão direita, depois só a mão esquerda, ambas as mãos, estamos acompanhando a nossa partitura comum do ensino de piano (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.16).

Quando eu vejo que ele está tocando as notas corretas, que ele consegue me acompanhar nas músicas 4 mãos no ritmo e andamento fluentemente, para mim ele já pode avançar para fazer outras músicas. Mas sempre considerando que ele tem limitações, principalmente por causa da deficiência intelectual. Eu quero que ele toque o que ele der conta e fique feliz (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.15).

As professoras ensinam conforme as possibilidades e particularidades de cada estudante. Entretanto, no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, os estudantes são avaliados anualmente. Por esse motivo, perguntou-se às professoras Alice e Valéria como acontece o processo de avaliação no curso de piano da instituição. As duas relataram que existe uma ficha individual de acompanhamento de cada aluno, que é preenchida pelo professor a cada bimestre. No total, há quatro bimestres ao ano e as professoras precisam descrever todas as músicas que o aluno conseguiu realizar em cada um.

A professora Valéria respondeu como preenche a ficha do seu aluno Heitor:

Eu fiz a fichinha de acompanhamento dele, tudo que trabalhava. Eu coloco tudo que a gente fez, o conteúdo, como que eu fiz e o material que eu usei. O método: Meu piano é divertido, os desenhos, se ouviu música, de qual CD e se fizemos improviso nas teclas pretas. Então a gente tem essa flexibilidade. Não faço nenhuma avaliação. Ele não vai reprovar e vai avançando. (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.13).

Essa fala da professora Valéria justifica a flexibilidade no processo de avaliação do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, considerando que os estudantes são amparados pela progressão continuada do curso de educação musical, nos ciclos inicial, intermediário e complementar. A aplicação dessa flexibilidade pode ser identificada na fala da professora Alice:

Meus alunos com deficiência não seguem o nosso programa anual do curso de piano. Eu preencho a ficha somente com o que eles fizeram. Por exemplo, o Jonas teria que estar fazendo o programa do 3º complementar, mas ele não consegue. Então, faço as observações justificando o motivo que estão fazendo aquelas músicas. Eles têm os laudos e eu grampeio nas fichas de acompanhamento o laudo de cada um e justifico os motivos que estão sendo feito um programa diferenciado para cada um deles. (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p.14-15).

A professora Alice demonstra que personaliza seu planejamento anual do ensino de piano conforme as necessidades da pessoa com deficiência. Portanto, ela registra todo o seu trabalho na ficha de acompanhamento. Uma forma de avaliação, comentada pelas professoras, são as apresentações em formato de recital, promovidas pela área duas vezes ao ano. A professora Alice disse que, frequentemente, seus alunos com deficiência participam dos recitais, diferentemente da professora Valéria, que comentou que seu aluno não participa de apresentações: “ele não quis participar de nenhum recital, nunca quis, eu já tentei” (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.13). Dessa maneira, a professora respeita a decisão do aluno. Ela, no entanto, filma pelo celular a performance dele nas aulas como forma de registrar o seu progresso musical e apresentar um feedback à mãe dele.

A professora Valéria destaca que a posição das mãos do seu estudante ao piano é linda, mas comprehende que ele tem limites e que não adianta causar sofrimento. Assim, a professora reconhece que Heitor já avançou na postura das mãos ao piano e valoriza o seu desenvolvimento no instrumento. Ainda que pareça pouca a sua desenvoltura ao piano, ela considera de muita valia nesse processo.

Para as professoras, a avaliação, principalmente para pessoas com deficiência, também acontece com os pequenos avanços, até mesmo sem ser musical, como: o sentar, a posição das mãos, o não chorar, o fato de conseguir acompanhar, além de outros comportamentos que a aula de piano pode proporcionar ao desenvolvimento global do estudante.

As professoras foram questionadas se ainda permanecem com as mesmas dificuldades identificadas no início das trajetórias profissionais com

pessoas com deficiência. A professora Valéria relatou ter ainda insegurança com os novos alunos:

Se vier alunos que eu não conheço ficarei totalmente insegura. Eu vou tentar de tudo. O Heitor é uma criança que me cativada ali muitos anos. Chega um aluno aqui com deficiência eu vou ter que ralar de novo, não estou tranquila. Cada um é uma especificidade, se chegar um surdo aqui, nossa! Como eu só tive o Heitor, autista, eu criei essa metodologia com ele (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.13).

A professora Alice mantém as mesmas dificuldades iniciais com os novos alunos: "com as duas alunas novatas desse ano, ainda continua as mesmas dificuldades por causa das especificidades de cada deficiência" (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 16). As falas das professoras evidenciam os desafios no ensino de piano para pessoas deficiência, justamente pelas particularidades e necessidades de cada deficiência.

A professora Valéria, inclusive, sugere uma abordagem no primeiro contato com um estudante com deficiência: "primeiramente tinha que ter uma conversa e uma aula experimental para conhecer aquele aluno e, a partir daí você vai fazer as escolhas de estratégias para ensinar" (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.11). Essa fala destaca a importância dada pela professora, no primeiro contato na aula de piano destinada a pessoas com deficiência, à interação, descobertas e aquisição de conhecimentos. Para ela, é essencial que essa interação seja empática e respeitosa, de modo a criar um ambiente acolhedor onde o estudante se sinta valorizado e incluído. Através da exploração e do conhecimento mútuo, seria possível identificar as necessidades específicas de cada estudante e adaptar as estratégias de ensino para promover o seu aprendizado. Na visão da professora, essa abordagem não apenas facilitaria o aprendizado, mas também fortaleceria a relação entre os professores e estudantes.

Considerando as vivências e experiências das professoras, quando perguntadas sobre os pontos positivos de ministrar aulas de piano para pessoas com deficiência, a professora Alice apresentou sua perspectiva ao longo dos anos com Jonas: "Foi mais no desenvolvimento humano. Ele cresceu muito no piano, inclusive o toque dele ao piano. (Professora Alice, entrevista

em 19/10/2023, p. 15). A professora Valéria destaca o processo realizado com o estudante Heitor. Ela afirma:

Foi ver o crescimento dele com relação ao instrumento piano. Porque ele veio, sentou e tocava aleatório as teclas pretas, cantava as músicas dele. Eu deixei. Fui adaptando aos poucos o básico do conhecimento do piano e relutava muito, chorava. Eu nunca pensei que eu não ia dar conta, eu só pensava assim: eu estou ajudando de alguma forma essa criança. Então quando eu tentava introduzir alguma coisa ele chorava, quando criava alguma metodologia, um planejamento de aula e ele chorava, eu deixei aberto. Então eu ver esse crescimento dele, hoje ele chega feliz, ele senta. Heitor, vamos arruma a postura? Ele já sabe. A mão dele, o pezinho, então vamos ler agora, vamos ver se você lembra? Vamos solfejar essas notinhas, Dó, Dó, Dó. Ele já está solfejando, ele já sabe, então é tudo muito minucioso, mas ele está entendendo aquilo, aquela grafia musical, que para mim também não é importante (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.13).

A não importância dada à grafia musical pela professora Valéria seria antagônica ao ensino de piano tradicional e à formação acadêmica centrada na leitura de partitura. Entretanto, a professora Valéria, ao longo da sua experiência profissional, considera que não é o mais importante, visto que a oportunidade que a pessoa tem de tocar piano da sua maneira, respeitando as suas limitações, é o mais significativo e humano. Valéria destaca: "Para mim, ele estar num ambiente musical, em contato com o instrumento é o mais importante. Ele não ia ter essa oportunidade. Saber ler, interpretar e tocar já basta" (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.13).

Em relação à possível mudança no ensino de piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, as respostas das professoras foram diferentes. Para Alice, "Mesmo se falando tanto hoje e pensando no Conservatório ainda não temos professores de apoio. Precisa de suporte e recursos apropriados, não tem nada escrito para eles" (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 16).

De acordo com Valéria, "Eu acho que o conservatório em si, acho que não. Porque eu acho que cada professor tem que ter sua criatividade, seu "feeling" e sua percepção" (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.14). Valéria ainda ressalta que não necessita da mudança no planejamento

do curso de piano e que o professor precisa ter a criatividade e a percepção do que pode funcionar para aquele estudante.

Para o aluno com deficiência aquilo não vai funcionar e nem se criar um planejamento especial. A não ser as coisas básicas, tipo: noções da música (grave, médio e agudo), livros para criar um monte de brincadeira, tudo levado para o lúdico. E depois direcionar para o instrumento. Igual o Heitor, eu tentei direcionar para o instrumento e não deu certo. Ele quis desenhar, cantar, contar histórias, contar dos filmes e aí eu levando devagarzinho para o piano. Então, se você chegar e sentar ao piano direto, não vai funcionar (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.14).

Por fim, as professoras expressaram as suas opiniões sobre o ensino ideal de piano para pessoas com deficiência:

Eu acho que não vou ter uma resposta certa. Porque primeiro a gente tem que conhecer essa criança, o que já foi dito, cada um é um. A performance no piano é consequência de todo um processo, porque não tem uma coisa pronta (Professora Valéria, entrevista em 16/10/2023/2023, p.14).

Eu digo que ele tem que ser muito concreto. E cada um é um, por exemplo: O Jonas respondeu muito bem o material e a minha aluna autista, não. Eu criei novos materiais para a minha aluna com Discalculia (Escrevi tudo a mão e espelhado para ela). Cada um precisa de novas estratégias para introduzir o ensino do piano. Então, é somente a gente cada vez mais. Temos um grande caminho para percorrer dentro do ensino de piano para pessoas com deficiência (Professora Alice, entrevista em 19/10/2023, p. 15).

As falas enfatizam a importância de se conhecer cada estudante com deficiência e entender as suas particularidades e necessidades específicas. O processo de aprendizagem no piano, portanto, é entendido pelas professoras como algo que depende mais do caminho percorrido do que do resultado final. O uso de materiais adaptados, como a criação de conteúdo específico e a escrita espelhada para uma pessoa com deficiência, exemplifica a necessidade de se desenvolver novas estratégias e abordagens pedagógicas.

Além disso, a comparação entre a resposta de diferentes estudantes, citados por Alice, reforça a ideia de que cada indivíduo é único e que as práticas pedagógico-musicais devem ser elaboradas com respeito a essas

diferenças. O ensino de piano para pessoas com deficiência ainda é um campo em desenvolvimento, com desafios e um longo caminho a ser percorrido para se ter um ensino acessível e inclusivo para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como objetivo compreender como se configura as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do curso de Educação Musical-Piano para alunos com deficiência do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. Além disso, investigou-se: conhecer a formação pedagógico-musical das professoras; entender os desafios enfrentados pelas professoras no ensino de piano para pessoas com deficiência; identificar os recursos e materiais didáticos utilizados pelas professoras; e analisar as práticas pedagógico-musicais construídas pelas professoras.

Diante dos objetivos propostos, foi feita uma revisão de literatura com os principais temas que dialogam com a pesquisa, sendo eles: a prática docente dos professores de piano para alunos com deficiência e as adaptações pedagógico-musicais para pessoas com deficiência. Estudos sobre a prática docente do ensino de piano para esse público, no Brasil, ainda são escassos. Os trabalhos encontrados foram importantes para refletir sobre práticas pedagógico-musicais realizadas por professores de piano no contexto da educação musical especial. Os estudos revelaram como professores de piano, mesmo diante dos desafios e dificuldades para a oferta de um ensino igualitário e inclusivo, procuram se adequar às necessidades específicas, flexibilizando e personalizando o processo de ensino para cada estudante com deficiência.

Para além das adaptações pedagógico-musicais, a inclusão de pessoas com deficiência nos diversos contextos educacionais de música deveria envolver uma abordagem mais abrangente do processo de ensino-aprendizagem de música e considerar todos os aspectos do ambiente educacional que possam impactar o aprendizado dos estudantes. Com isso, é preciso ressaltar a necessidade de um olhar inclusivo para o ensino de piano destinado às pessoas com deficiência nos conservatórios, onde todas as dimensões do ambiente educacional devem atender às necessidades específicas dos estudantes e garantir que eles tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem musical.

Para fundamentar esta pesquisa, o referencial teórico se apoiou nos estudos de Tardif (2014), Heredero (2010) e Alarcão (2011). Foram

apresentados a concepção de "saberes docentes" dos professores, o papel do professor reflexivo e o uso de adaptações curriculares como estratégias de ensino. Diante disso, as concepções levantadas auxiliaram nas análises das entrevistas, contribuindo, assim, para o entendimento das práticas pedagógico-musicais das professoras participantes voltadas ao ensino de piano para pessoas com deficiência.

Tendo em vista alcançar os objetivos propostos, este estudo seguiu os preceitos da pesquisa qualitativa, pois a investigação buscou compreender um fenômeno complexo e profundo sobre a experiência humana em um contexto educacional. Quanto ao método adotado, o estudo de caso único foi apontado como o mais adequado, já que esta investigação lidou com uma realidade particular de duas professoras de piano, inseridas em um contexto específico, o Conservatório Estadual de Música "Dr. José Zóccoli de Andrade", de Ituiutaba-MG. Para a coleta de dados foram feitas entrevistas semiestruturadas com as duas professoras.

Diante dos dados analisados, alguns pontos podem ser considerados sobre a formação inicial das professoras Alice e Valéria. As respostas desta pergunta foram bastante similares, pois ambas tiveram a formação pianística no Conservatório e no curso de Licenciatura da mesma Universidade, inclusive, a mesma ênfase no repertório erudito, na participação em grupos de câmara durante a Licenciatura e na carência de estudo do repertório popular.

A única diferença identificada nas trajetórias formativas das professoras foi a iniciação ao instrumento. Enquanto a professora Valéria teve aulas particulares, a professora Alice ingressou diretamente no conservatório no curso de Piano. Em seus percursos de aprendizado musical e pedagógico, as professoras passaram pelo Conservatório e pela Licenciatura em Música – instrumento piano. Outro ponto importante a ser destacado na formação docente das professoras foi que ambas não tiveram disciplinas na licenciatura voltadas ao ensino de piano para pessoas com deficiência.

Quanto à formação continuada, a professora Valéria não conseguiu participar de nenhuma modalidade de cursos de capacitação para o ensino de piano destinado a pessoas com deficiência. A professora Alice, entretanto, buscou cursar outra graduação (Pedagogia) como forma de adquirir mais

conhecimentos pedagógicos sobre o ensino para pessoas com deficiência. Participando ou não de cursos de formação continuada, as professoras procuraram mobilizar conhecimentos adquiridos no curso técnico e na licenciatura em suas aulas de piano para pessoas com deficiência.

Uma influência marcante da formação das professoras sobre a forma de pensar o ensino de piano, e que reflete no ensino para pessoas com deficiência, é o modelo tradicional do ensino de piano, próprio do modelo conservatorial de ensino, que tem como ênfase a leitura de partituras de obras eruditas. Embora a leitura de partituras seja uma competência importante, o processo de ensino para pessoas com deficiência necessita ser flexível e permitir que outras formas de aprendizado musical sejam valorizadas, sempre considerando as limitações e capacidades individuais dos estudantes. Sendo assim, as práticas pedagógico-musicais exigem uma adaptação do método de ensino para garantir que todos possam aprender de forma significativa e inclusiva.

Diante disso, desafios e dificuldades no ensino de piano para pessoas com deficiência foram enfrentados pelas professoras. As particularidades e as especificidades de cada deficiência sempre lhes proporcionaram novos desafios, como adequação de estratégias de ensino e práticas pedagógico-musicais específicas para cada estudante. A professora Alice, por ter enfrentado dificuldades no aprendizado do instrumento, tendo sido persistente para conseguir tocar, acredita que qualquer pessoa com deficiência é capaz de aprender a tocar o piano.

A professora Valéria teve uma única experiência no ensino de piano com um estudante autista. Essa experiência desafiadora fez com que ela elaborasse estratégias de ensino centradas nos interesses do estudante, com respeito ao tempo dele, além de paciência e persistência para conseguir ensinar o piano a partir de uma abordagem tradicional de ensino.

As dificuldades enfrentadas pelas professoras foram várias, incluindo a falta de um professor de apoio nas aulas e materiais específicos para pessoas com deficiência no ensino de piano. A falta de um professor de apoio sugere a carência de um suporte especializado na instituição de ensino musical e que poderia auxiliar professores de piano na adaptação dos conteúdos e na

compreensão das limitações e potencialidades dos estudantes. A carência de materiais adaptados também é um obstáculo significativo. O ensino de piano, tradicionalmente focado na leitura de partituras e técnicas específicas, precisaria ser adaptado para atender às diferentes formas de aprendizado dos estudantes com deficiência. Contudo, diante das dificuldades, as professoras adotaram uma postura reflexiva e assumiram a responsabilidade e a autonomia de ensinar piano para cada estudante com deficiência, identificando as limitações, particularidades e potencialidades.

A autonomia do ato de ensinar das professoras deve-se ao fato de o planejamento anual do ensino de piano do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, um documento elaborado pelos professores de piano da instituição, flexibilizar as metodologias de ensino e o repertório selecionado pelos docentes. Essa flexibilidade pedagógico-musical foi importante para que a professora Valéria utilizasse recursos para as suas aulas conforme o gosto pessoal do seu estudante, como, por exemplo, tintas, lápis de cor, giz de cera e outros objetos não musicais. Os materiais didáticos normalmente usados no conservatório no curso de piano ficaram em segundo. Ela não fez nenhuma adaptação desse material, somente esperou o tempo do seu estudante para aceitar tocar o piano com o acompanhamento dos métodos (partituras) de ensino.

A professora Alice utilizou diversos recursos lúdicos e concretos para ensinar piano aos seus estudantes com deficiência. Ela também buscou recursos não musicais, como recursos fisioterápicos, para auxiliar nas limitações motoras de um estudante. A intenção da professora desde o início é seguir os métodos de piano tradicional com seus estudantes com deficiência, inclusive foi necessário adaptar as partituras para uma estudante com discalculia. Contudo, em busca por atualizações, Alice também se prontificou a conhecer outros recursos pedagógicos, além dos comuns no ensino de piano, e utilizou principalmente a troca de informações e o apoio dos profissionais da saúde e familiares fora do Conservatório Estadual de Música.

Destaca-se a importância dessa interação uns com os outros por meio do compartilhamento de ideias, dificuldades, materiais, dentre outros. Esses momentos de troca podem promover o enriquecimento mútuo do conhecimento

e oferecer oportunidades para o desenvolvimento de práticas pedagógico-musicais mais colaborativas e inclusivas. A interação, especialmente no contexto de ensino para pessoas com deficiência, e o compartilhamento de experiências podem trazer novas perspectivas e soluções criativas para os desafios enfrentados com as limitações e particularidades de cada deficiência.

Ao discutir dificuldades e materiais específicos, os professores de piano podem desenvolver estratégias de ensino inovadoras, adaptando as suas abordagens às necessidades dos estudantes. Além disso, essa colaboração ajuda a construir uma rede de apoio entre os profissionais, o que reduziria o sentimento de isolamento que muitos professores enfrentam ao lidar com situações desafiadoras. Ao fortalecer o conhecimento coletivo, os educadores podem aprimorar suas práticas e promover um ambiente de aprendizado mais diversificado e rico em possibilidades.

As práticas pedagógico-musicais das professoras Alice e Valéria para pessoas com deficiência se assemelham pela utilização dos mesmos métodos do ensino de Piano e pela não adoção de conteúdo programático sugerido pelo planejamento anual do curso. Entretanto, o que as diferencia em relação às práticas pedagógico-musicais são os conhecimentos e os recursos didáticos usados em suas aulas para o ensino do instrumento.

A professora Valéria, pela sua experiência e facilidade performática, utilizou sua habilidade de tocar para criar um ambiente musical que possibilitasse o ato de desenhar de seu estudante. A professora Alice, pela sua própria experiência como estudante de piano, buscou todo tipo de recursos pedagógicos ou fisioterápicos para auxiliar no ensino de piano para pessoas com deficiência. Isso reforça a perspectiva do saber experencial de Tardif (2014), pois

é um saber existencial, pois está ligado não somente à experiência de trabalho, mas também à história de vida do professor, ao que ele foi e ao que é, o que significa que está incorporado à própria vivência do professor, à sua identidade, ao seu agir, às suas maneiras de ser (p.110).

Assim, todas essas influências ficaram evidentes nas práticas pedagógico-musicais das professoras para pessoas com deficiência.

Em relação à avaliação, Alice e Valéria levam em consideração aspectos semelhantes. As professoras tendem a flexibilizar os critérios de avaliação dos estudantes com deficiência conforme as suas capacidades, sempre considerando que todos os estudantes de educação musical do curso de piano, do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG, possuem o direito da progressão continuada.

Nesse sentido, as adaptações pedagógico-musicais têm sido fruto da ação das professoras. Elas se projetam como meio acessível a pessoas com deficiência quanto à performance ao instrumento, pois os ajuda a superar barreiras físicas e a permitir que cada estudante explore a sua expressão musical única, seja qual for a limitação. Isso exige reconhecer que cada aluno tem seu potencial musical e sua expressão pode ocorrer mediante adaptações pensadas para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e adaptado, de modo a se ter uma experiência social, intelectual e de socialização tão enriquecedora quanto a de uma criança neurotípica.

As professoras de piano conduzem suas aulas e se assemelham na empatia, afetividade e respeito pelos estudantes com deficiência. Dessa forma, elas dão importância à interação, descoberta e aquisição de conhecimento pelos estudantes. Assim, a prática pedagógico-musical das professoras se configura nos saberes adquiridos na formação profissional e na vivência pessoal. Experimentam estratégias de ensino e adaptações pedagógicas musicais, de modo a criar um ambiente acolhedor no qual o estudante se sinta valorizado e incluído. É uma abordagem de ensino de piano humanizada, que permite não apenas reconhecer as necessidades específicas de cada estudante por meio da exploração e do conhecimento mútuo, mas também ajustar as estratégias de ensino para garantir um aprendizado efetivo. Com isso, além de facilitar o aprendizado musical, essa abordagem reforça a relação entre professores e estudantes, promovendo um ambiente de confiança e apoio mútuo.

As práticas pedagógico-musicais das professoras de piano estão pautadas na reflexão, o que permite avaliar e adaptar as suas estratégias de ensino às necessidades identificadas. Nesse contexto, essa análise reflexiva é essencial, pois não há um plano de ensino preestabelecido para esse público.

O processo de reflexão pode levar à busca contínua por abordagens pedagógicas mais adequadas, promovendo um ensino mais individualizado e efetivo.

Por fim, os resultados obtidos neste trabalho apontam para pesquisas futuras que contemplam e/ou aprofundem temáticas sobre as experiências pedagógicas inovadoras nos conservatórios mineiros voltados ao ensino de piano para pessoas com deficiência. Outros trabalhos podem ser realizados, como discussões sobre adaptação dos planejamentos dos cursos de piano dos conservatórios mineiros voltados às pessoas com deficiência e sobre adaptações pedagógico-musicais dos professores de piano, com foco no processo de construção de materiais didáticos e de recursos pedagógicos específicos às pessoas com deficiência.

Tais iniciativas de pesquisa podem vir a ajudar na construção de uma visão mais abrangente e acolhedora do ensino de piano para pessoas com deficiência, favorecendo a inclusão e a equidade no processo de ensino-aprendizagem de música.

## REFERÊNCIAS

ALICE. [Entrevista cedida a Fernanda Oliveira Costa]. Ituiutaba/MG, 19 out. 2023.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AUGUSTO, Mara Síntique Del Guerra Valério. **Ação pedagógica de uma professora de piano**: um estudo reflexivo sobre a inclusão de aluno com hemiplegia espástica. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/000081c9.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BARTÓK, Béla. **Mikrokosmos**, vol 1. Boosey & Hawkes Music Publishers Ltda, 1994.

BASTIEN, James. **Piano Básico**. Nível pré-iniciante. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2010.

BOTELHO, Alice G coloque o sobrenome por extenso. **Meu Piano é Divertido**. São Paulo: Ricordi, 1976.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. Decreto Nº 6.949, de 25 agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 163, p. 3. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 25 mar. 2023.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 25 maio 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro

Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, 2012. p. 3. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm). Acesso em: 25 maio 2023.

**BRASIL.** Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília, DF: Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, p. 7-16, 2007.

BURNAM, Edna-Mae. **A Dose do Dia**. Livro Preparatório. Bruno Quaino Editores. 1953.

CLARK, Frances; GOSS, Louise & HOLLAND, Sam. **The music tree: a plan for musical growth at the piano. Time to begin.** Miami: Summy-Bichard, 2000.

CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA DR. JOSÉ ZÓCCOLI DE ANDRADE. **Planejamento Anual de Piano.** Ituiutaba: Superintendência Regional de Ensino, 2022.

CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA DR. JOSÉ ZÓCCOLI DE ANDRADE. **Projeto Político Pedagógico.** Ituiutaba: Superintendência Regional de Ensino, 2024. Disponível em: [https://painel.conservatorioituiutaba.com.br/uploads/ckeditor-uploads/proposta\\_pedagogica\\_2024.pdf](https://painel.conservatorioituiutaba.com.br/uploads/ckeditor-uploads/proposta_pedagogica_2024.pdf). Acesso em: 18 fev. 2024.

COSTA, Fernanda Oliveira. **Ensino de música para pessoas com deficiência:** limites e possibilidades do trabalho pedagógico dos professores de instrumento musical. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial e Inclusão Educacional). Universidade Federal de Uberlândia - Campus do Pontal, Ituiutaba, 2016.

CRESWELL, John; CRESWELL, David. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Trad: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Rev. Dirceu, da Silva. Porto Alegre: Penso, 2021.

FERREIRA, Mayara de Brito. **Ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência:** um estudo na Escola Especial de Música Juarez Johnson. João Pessoa: UFPB, 2019.

FLETCHER, Leila. **Leila Fletcher Piano Course.** Book one. 22nd printing. Buffalo, NY: Montgomery Music, 1995.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.

FREIRE, Vanda Bellard (Org.). **Horizontes da pesquisa em música.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educar pela música:** Um estudo sobre a criação e as concepções pedagógico-musicais dos Conservatórios Estaduais Mineiros na década de 50. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira; BARBOSA, Cacilda Borges. **Educação Musical Através do Teclado.** 1º volume – Musicalização. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: edição das autoras, 1986.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira; BARBOSA, Cacilda Borges. **Educação Musical Através do Teclado.** 2º volume – Musicalização. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: edição das autoras, 1986.

HEREDERO, E. S. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 193-208, 20 dez. 2010. DOI: 10.4025/actascieduc.v32i2.9772. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9772/9772>. Acesso em: 13 out. 2023.

KERN, Fred; KEVEREN, Phillip; KREADER, Bárbara & REJINO, Mona. Hal Leonard Student Piano Library. **Piano Technique, book one.** Milwaukee: Hal Leonard Co., 2000.

LAGE, Maria Helena; RIBEIRO, Angelita. **Amigos do piano: pré-leitura.** Ilustrações de Maysa Zwarg. Fortaleza: Lumah, 2018.

LANGENDONCK, Melanie Fairlie Pearson Van. **Ensino de notas musicais ao piano para um menino com Autismo.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11582>. Acesso em: 09 jun. 2023.

LONGO, Laura. **Divertimentos, para piano.** São Paulo: Edição do Autor, 2017.

LOURO, Viviane dos Santos. **As adaptações a favor da inclusão do portador de deficiência física na educação musical: um estudo de caso.** São Paulo: UNESP, 2003.

LOURO, Viviane. Educação Musical Inclusiva: desafios e reflexões. In: SILVA, Helena Lopes de; ZILLE, José Antônio Baêta (org). **Música e Educação – Série Diálogos com o som.** Barbacena: Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2015. p.33-50.

MASCARENHAS, Mario. **Duas mãozinhas no teclado.** 21a ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1970.

**MINAS GERAIS. Lei nº 3595, de 25 de novembro de 1965.** Cria um conservatório estadual de música em Ituiutaba, Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1965. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/3595/1965/> Acesso em: 19 maio 2023.

**MINAS GERAIS. Resolução n. 718, de 18 de novembro de 2005.** Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino de música nos Conservatórios Estaduais de Música e dá outras providências. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 2005. Disponível em: [https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/%7B3A0945D0-C293-4E29-BCD0-F6F792689EEE%7D\\_RESSEEMG\\_7182005\\_Conservat%C3%A3o%C2%B3rios.pdf](https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/%7B3A0945D0-C293-4E29-BCD0-F6F792689EEE%7D_RESSEEMG_7182005_Conservat%C3%A3o%C2%B3rios.pdf). Acesso em: 19 maio 2023.

**NEVES, Maria Teresa de Souza. O ensino de piano nos conservatórios estaduais de música de minas gerais a partir do olhar de seus professores.** 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36409>. Acesso em: 26 set. 2023.

**NEVES, Maria Teresa de Souza; PARIZZI, Beatriz. Piano e Autismo: O que as pesquisas dizem? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. 32., 2022, Natal. Anais [...] [S. I.] Natal: ANPPOM, 2022, p. 1-11. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2022/papers/1178/public/1178-5596-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2022/papers/1178/public/1178-5596-1-PB.pdf).** Acesso em: 10 ago. 2023.

**OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas.** Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34569>. Acesso em: 09 jun. 2023.

**OCKELFORD, Adam. Music, language and autism:** Exceptional strategies for exceptional minds. Jessica Kingsley Publishers, 2013.

**PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. Revista da ABEM,** Londrina, v.22, p. 90-103, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/464/388>. Acesso em: 20 set. 2024.

**QUINELATO, Rômulo Emanuel. Autismo, adaptações pedagógicas e método d'o passo: perspectivas para a prática pedagógica em educação musical inclusiva no ensino médio.** 2022. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/17369>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RAMOS, Ana Consuelo; MARINO, Gislene. **Piano 1.** Arranjos e Atividades. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura Ltda, 2001.

REIS, Carla; BOTELHO, Liliana. **Piano Pérolas:** quem brinca já chegou! Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2019.

ROCHA, Carmem Maria Mettig. **Iniciação ao piano.** São Paulo: Ricordi, 1985.

RUSSO, Francisco. **Método infantil para piano.** São Paulo: Casa Wagner, 1988.

SANTOS, Cínthia da Cruz; CARVALHO, Beatriz Girão Enes; & LOBATO, Beatriz Cardoso (2020). Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no conservatório estadual de música: perspectiva dos professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046215166>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/nKrBXyS5sDYLx8vJdDPZNnG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 out. 2022.

SILVA, Lissandra Pedrosa da. **Perfil do nanismo hipofisário no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e reteste dos pacientes com deficiência isolada idiopática de hormônio do crescimento.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) — Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10581?locale-attribute=pt\\_BR](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10581?locale-attribute=pt_BR). Acesso: 20 jul. 2024.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Trad. Luciene de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar. **Ensino de música para pessoas com deficiência visual.** São Paulo: UNESP, 2014.

VALÉRIA. [Entrevista cedida a Fernanda Oliveira Costa]. Ituiutaba/MG, 16 out. 2023.

VIANNA, Maria Apparecida & XAVIER, Carmen. **Ciranda dos dez dedinhos.** São Paulo: Ricordi, 1953.

WIDMER, Ernst. **Ludus Brasiliensis.** São Paulo: Ricordi, 1966.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICES

### **APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **FORMAÇÃO PEDAGÓGICO-MUSICAL AO PIANO**

##### **- Início do estudo do instrumento**

1. Idade de início dos estudos de piano; onde iniciou os estudos de piano (em conservatórios, cursos particulares, em igreja ou outros?); qual repertório trabalhado? Estudou outro instrumento musical (se sim, qual ou quais).
2. Caso tenha estudado no Conservatório, quando iniciou o curso? Fez curso técnico?)
3. Qual repertório trabalhou no decorrer deste estudo do piano no Conservatório (erudito, popular ou outra vertente)? Compositores estudados? Desafios para tocar o repertório (técnicos, interpretativos ou outros?)
- 4- Quais foram os métodos estudados na época?

##### **- Graduação em música**

1. Onde realizou a graduação? Modalidade (licenciatura ou bacharelado?)
2. Qual foi o repertório trabalhado no decorrer do curso (erudito, popular ou outra vertente)? Compositores estudados?
3. Como foi sua experiência com a performance do repertório (métodos e técnicas trabalhadas, desafios enfrentados)?
4. Em relação ao currículo do curso, cursou alguma disciplina voltada à educação musical para pessoas com deficiência?
5. Em algum momento do curso professores apresentaram materiais didáticos e estratégias para o ensino de piano para pessoas com deficiência?
6. Você teve alguma experiência, na época da sua formação na graduação, em trabalhar com a música para pessoas com deficiências? (Se sim, onde e quanto tempo?)
7. Se já teve a experiência, quais foram as estratégias de ensino e os materiais didáticos utilizados? O que achou da experiência?
8. Na época da sua formação, você tinha pensado que poderia ministrar aulas de piano para um aluno com deficiência?
9. Na sua concepção, em que medida o curso te preparou para atuar como professor de piano para pessoas com deficiência?

##### **- Formação profissional continuada**

1. Após a graduação, você fez algum curso, workshops na área da educação musical voltada para pessoas com deficiência? Se sim, Quais? Quando? E para educação especial ou inclusão educacional?
- 2- Quais eram as finalidades dos cursos que você já realizou? Em algum momento destes cursos foram abordados recursos didáticos para o ensino de piano para pessoas com deficiência? Se sim, de que forma foi abordado (disciplina e carga horária)?
3. De que forma estes cursos ou workshops contribuíram para sua formação como professor de piano para alunos com deficiência?
4. Você participou de algum projeto de ensino de música para pessoas com deficiência? Qual? Algum projeto foi voltado para o ensino de instrumento musical? Se sim, onde foi realizado?

### **EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO PROFESSORA DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

1. Há quanto tempo você atua como professor de piano no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG? Teve experiência profissional como professora de piano em outra instituição de ensino?
2. Há quanto tempo você ministra aulas de piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG? Na sua primeira experiência como professor de piano, quais eram as deficiências do aluno?
3. Você buscou alguma orientação ou cursos para trabalhar com esse público do Conservatório? Que tipo de orientação (internet, livros, colegas experientes ou outros)?
4. No início de sua carreira, quais foram as principais dificuldades enfrentadas por você no ensino de piano para pessoas com deficiência? Quais foram suas estratégias para superar essas dificuldades?
5. Você encontrou dificuldades quando começou a ministrar aulas de piano para pessoas com deficiência? (Se sim, quais foram suas estratégias para superar essas dificuldades?)
6. Quais são os métodos didáticos que você utiliza para ministrar aulas de piano para pessoas com deficiências? Por que você escolheu estes métodos?
- 7.Com a sua experiência, o que você considera fundamental como conteúdo para suas aulas? Por quê? E no decorrer da sua trajetória precisou modificar o conteúdo? (Se sim, por qual motivo?)

### **ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICO-MUSICAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE PIANO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

1. Quantos alunos você tem com deficiência, declarados no ato da matrícula como aluno especial, neste ano de 2023? E quais deficiências?
2. Você está ministrando aulas de piano para pessoas com deficiência em qual ciclo da educação musical? (Ciclo inicial, ciclo intermediário ou ciclo completar)
3. Você acompanha o planejamento anual do curso de educação musical – piano do Conservatório de Música de Ituiutaba -MG nas aulas com alunos com deficiência?
4. Como você realiza o planejamento das aulas para os alunos com deficiência (algum método específico, referência utilizada ou outros)?
5. Qual método (ou métodos?) Você utiliza com esse público? Por qual motivo?
6. Você tem o costume de diversificar os materiais didáticos utilizados? (Se sim, quais são eles?)
7. Se tiver mais de um aluno com deficiência, você utiliza estratégias de ensino (recursos e materiais didáticos) diferentes?
8. Como você adapta o material utilizado nas aulas de piano com alunos com deficiência? E adaptações na forma de ensinar?
9. Se você não realiza adaptações pedagógico-musicais, como ministra suas aulas? Segue todo o conteúdo programático anual do curso de educação musical de piano?
10. Como você acompanha o desempenho do seu aluno com deficiência durante o ano letivo? O aluno participa de recitais ou outros eventos propostos pelo curso de piano?
11. Quais foram os pontos positivos que você vivenciou no ensino de piano para pessoa com deficiência nesses anos de experiência?
12. Na sua opinião, pela trajetória como professora de piano para esse público ainda permanecem as mesmas dificuldades do início? (Se não, quais são os desafios de hoje?)
13. Para você, como seria um ensino ideal de piano para pessoas com deficiência?
14. Você mudaria algo no processo de ensino de piano para pessoas com deficiência no Conservatório de Música de Ituiutaba-MG? (Se sim, o que mudaria?)

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
PARA A DIREÇÃO DO CONSERVATÓRIO****UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
INSTITUTO DE ARTES - IARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMU****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este termo refere-se à participação desta instituição de ensino: Conservatório Estadual de Música "Dr. José Zóccoli de Andrade de Ituiutaba-MG na pesquisa de mestrado intitulada "O ensino de piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música Dr. Zóccoli de Andrade de Ituiutaba-MG sob a responsabilidade da pesquisadora Fernanda Oliveira Costa, orientado pelo Prof. Dr. José Soares de Deus, da Universidade Federal de Uberlândia.

Pretende-se com esta pesquisa: Compreender como se configuram as práticas pedagógico-musicais de duas professoras do curso de Educação Musical-Piano para pessoas com deficiência do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. Com essa finalidade, serão coletados dados por meio do planejamento anual do curso de piano e entrevistas. Isto acontecerá nos meses de setembro e outubro. Uma cópia deste Termo de Consentimento ficará para o Conservatório.

Ituiutaba, \_\_\_\_ de setembro de 2023.

---

Fernanda Oliveira Costa (pesquisadora)

---

Prof. Dr. José Soares de Deus (orientador)

Aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecida.

---

Diretora do Conservatório

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
INSTITUTO DE ARTES - IARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMU**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Como docente do Curso de Educação Musical – Piano do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade, eu \_\_\_\_\_

Permito que seja realizado a entrevista e a gravação de minha entrevista para fins da pesquisa científica atualmente intitulada “O Ensino de Piano para pessoas com deficiência no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG” desenvolvida pela acadêmica Fernanda Oliveira Costa, conforme as diretrizes apresentadas a seguir:

- O meu nome não será mencionado em qualquer meio de divulgação, garantindo-se o anonimato;
- Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins dessa pesquisa, e que os resultados serão divulgados apenas no meio acadêmico e científico, podendo ser publicados em Anais de eventos e em Revistas Científicas;
- As gravações ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda dele.

Ituiutaba - MG, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Nome do docente

Obs: O título da pesquisa pode ser alterado até a apresentação do relatório final.